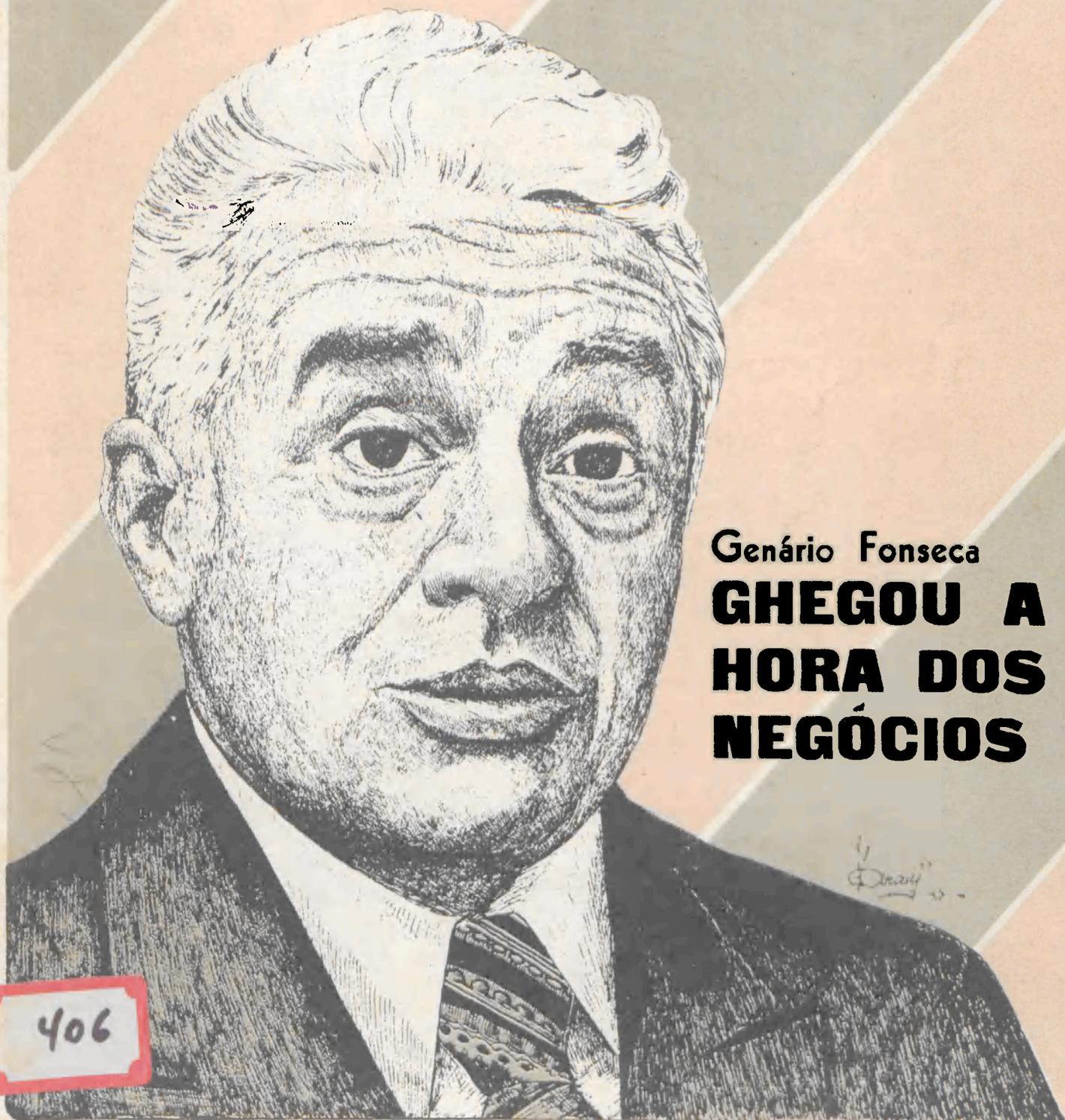


RN-ECONOMICO

Ano VI — N.º 63 — Abril/75 — Cr\$ 10,00



Genário Fonseca
**GHEGOU A
HORA DOS
NEGÓCIOS**

406

tradição segurança garantia

A Caderneta de Poupança Banorte
tem a tradição, segurança e garantia do
SISTEMA FINANCEIRO BANORTE.

São 32 anos de solidez e bons
serviços prestados a seus milhares de clientes,
de Norte a Sul
deste grande Brasil.

caderneta
de poupança
Banorte

Tranquilidade para o futuro
Rua João Pessoa, 231

RN-ECONÔMICO

REVISTA MENSAL
PARA HOMENS DE NEGÓCIOS

Diretores-Editores

Marcos Aurélio de Sá
Marcelo Fernandes de Oliveira

Gerente Financeiro

Núbia Fernandes de Oliveira

Gerente Industrial

Creso Barbalho

Redator-Chefe

Manoel Barbosa

Redatores

Sebastião Carvalho
Nelson Hermógenes Freire
Gilberto Barroso
Gerson Luiz

Colaboradores

Alvamar Furtado
Benivaldo Azevedo
Cortez Pereira
Dalton Melo
Domingos Gomes de Lima
Edgar Montenegro
Epitácio de Andrade
Fabiano Veras
Fernando Paiva
Genário Fonseca
Hélio Araujo
Hênio Melo
Joanilson P. Rego
João de Deus Costa
João Wilson M. Melo
Jomar Alecrim
Luiz Carlos A. Galvão
Manoel Leão Filho
Moacyr Duarte
Ney Lopes de Souza
Nivaldo Monte
Otto de Brito Guerra
Severino Ramos de Brito
Túlio Fernandes Filho
Ubiratan Galvão

RN-ECONÔMICO revista mensal especializada em assuntos econômico-financeiros do Rio Grande do Norte, é de propriedade da Editora RN-ECONÔMICO Ltda. CGCMF 08423279/0001. Endereço: Rua Dr. José Gonçalves, 687 — Natal — RN. Telefones: — 2-0706 e 2-4455. Impressa na Gráfica RN-ECONÔMICO. É permitida a reprodução total ou parcial de matérias, desde que seja citada a fonte. Preço do exemplar: — Cr\$ 10,00. Número atrasado: — Cr\$ 12,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 40,00. Assinatura para outros Estados: Cr\$ 50,00.

Sumário

REPORTAGENS

Especial

Genário Fonseca —
Cumprida a missão no Serviço Público
chegou a vez dos negócios 8

Fiscalização

O Governo quer acabar a sonegação do ICM 13

Incentivos

Quem terá vez no FINOR? 15

Projetos

Tecnologia Espacial pode
ajudar o RN a crescer 18

Educação

Domingos Gomes de Lima —
A Universidade nas mãos de um Técnico 20

Habitação

Val começar novo Rush de
Construções em Natal 24

Política Financeira

Empresários comentam o
Novo Salário Mínimo 27

Combustíveis

Pequena Tancagem de Natal
pode ser entrave ao Desenvolvimento 30

Agricultura

A necessidade de Técnica e
de mais ajuda do governo 32

Transportes

Está na hora de pensar nas estradas do RN 34

SECCÕES

HOMENS & EMPRESAS 4

ENFOQUES ECONÔMICOS 38



HOMENS & EMPRESAS

NORDESTÃO VAI INVESTIR 40 MILHÕES EM 8 SUPERMERCADOS

O Supermercado Nordestão espera a aprovação no BNDE do seu projeto de expansão, no valor de Cr\$ 40 milhões, a preços atuais. Dentro de dois anos esta empresa possuirá uma cadeia de oito grandes supermercados, três dos quais em Natal e cinco nas seguintes cidades do Interior: Mossoró, Macau, Caicó, Currais Novos e Ceará Mirim. A segunda unidade do Nordestão, na avenida Deodoro, já está com inauguração prevista para os próximos 60 dias, enquanto que a terceira unidade, na avenida Saldado Filho, deverá ter sua construção iniciada antes do final deste ano. O projeto de expansão do Nordestão foi elaborado pela AP — Assessoria de Projetos Ltda., escritório dirigido pelos engenheiros Aluizio Togo Pinto Moura, José Narcélio Marques de Souza e Nelson Pinto Morais.

CLUBE DO INDUSTRIAL PODERÁ SER DOADO À FIERN

A atual diretoria do Clube do Industrial, tendo à frente o presidente José Carlos Passos e o vice Nélio Silveira Dias, estuda a viabilidade da doação das suas instalações no 5.º andar do Edifício São Miguel à Federação das Indústrias do Estado, desde que a entidade de classe tenha interesse na dinamização do Clube. Muito bem localizado, bem decorado, confortável e descortinando uma das mais bonitas paisagens de Natal, o Clube do Industrial poderia congregiar um número maior de sócios e ser um excelente ponto de encontro dos homens de negócios do Rio Grande do Norte.



GUARARAPES COMPRA AS LOJAS SETA

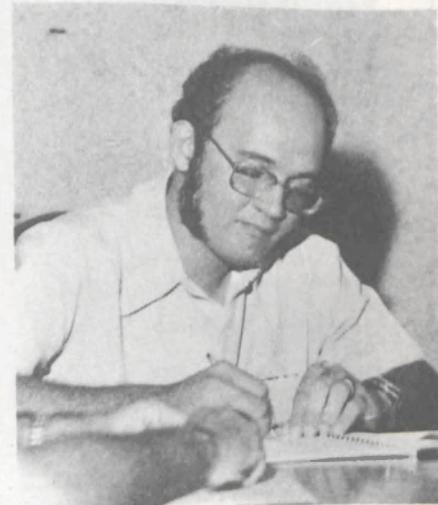
Numa operação de Cr\$ 7,5 milhões, as Confeções Guararapes compraram o grupo de Lojas Seta (68 lojas de Manaus a Maceió). Informa Francisco Nélio Monte, diretor-comercial da empresa, que graças a esta compra, a viuva do sr. Newton Rocha (irmão de Nevaldo e um dos fundadores da Guararapes), sra. Vanda Wanderley de Oliveira, passa a ser acionista desta grande indústria de confeções. Embora de princípio se pensasse que as Lojas Seta se juntariam às 113 lojas Super G (também pertencentes ao grupo Guararapes), passando a vender exclusivamente as etiquetas de sua fabricação, sabe-se agora que as Lojas Seta manterão a mesma política de vendas diversificadas.

GERALDO BEZERRA ASSUME NOVO POSTO

O agrônomo Geraldo Bezerra, ex-secretário da Agricultura, já assumiu a Delegacia Estadual do Ministério da Agricultura no Rio Grande do Norte, posto para o qual vinha sendo cotado mesmo antes de deixar a Secretaria, em 15 de março último.

RAIMUNDO SOARES ASSESSORA JESSÉ

O advogado Raimundo Soares, ex-prefeito de Mossoró e até bem pouco diretor administrativo da Federal de Seguros S/A, acaba de ser convidado pelo senador Jessé Freire para assumir a chefia de gabinete da presidência da Confederação Nacional do Comércio, Raimundo já assumiu as novas funções e Jessé Freire, com isso, melhorou ainda mais o nível da sua excelente equipe de assessores no Rio de Janeiro.



LUCIANO BEZERRA NA TELECEARÁ

O engenheiro Luciano Bezerra de Mello, diretor-presidente da TELERN desde 1971, foi convidado pela TELEBRÁS para uma das diretorias da TELECEARÁ. Enquanto não assume o novo posto, Luciano, tirará suas primeiras férias dos últimos seis anos. Ainda não se sabe oficialmente quem substituirá o atual presidente na TELERN, apesar de circularem notícias de que Israel de Oliveira, atual diretor-administrativo, já teria sido convidado para o cargo.



○ GUARARAPES VAI FATURAR 400 MILHÕES

O faturamento previsto das Confeções Guararapes S/A este ano é de Cr\$ 400 milhões. Em 1974, esta empresa faturou Cr\$ 280 milhões, conseguindo alcançar um lucro líquido de Cr\$ 76 milhões. Repetindo-se os mesmos índices de rentabilidade do exercício anterior, na base de 27%, o lucro da Guararapes poderá superar tranquilamente a faixa dos Cr\$ 100 milhões. Hoje, a Guararapes é a maior indústria de confeções do Brasil, possuindo capital e reservas de Cr\$ 209 milhões. Por trás de todos esses números, está Nevaldo Rocha, diretor-presidente da empresa, programando para dentro de mais um ano a duplicação da capacidade de produção da sua indústria, com a inauguração de uma nova fábrica em Fortaleza (23 mil metros quadrados e 2.500 empregados), de outra em Mossoró (400 empregados) e com o aumento da área da fábrica de Natal. Hoje, a Guararapes produz apenas 40 mil peças por dia.

○ SPRINGER ADMIRAL DÁ MELHOR ASSISTÊNCIA

Liderando o mercado de condicionadores de ar no Rio Grande do Norte, a Springer Admiral tem se mantido permanentemente voltada para garantir uma assistência técnica perfeita aos seus clientes. Em Natal, a Admiral possui oficina autorizada com pessoal treinado na própria fábrica, pronta a assegurar um funcionamento perfeito aos aparelhos dessa marca. Murilo Batista dos Santos, gerente da Springer, considera que é exatamente a boa assistência que garante o maior volume de vendas para o ar condicionado Admiral.

○ BORBOREMA INVESTE NA SUA AMPLIAÇÃO

A S. A. Fiação Borborema deverá investir mais Cr\$ 21 milhões no seu projeto de ampliação, contando com recursos próprios e com financiamento do Banco do Nordeste. O atual consumo de matéria prima (algodão de fibra longa) desta indústria de fios finos é da ordem de 70 toneladas, devendo passar em 1976 para 180.



○ NORTE PLACA NO MARANHÃO

Manoel Sinval Moreira Dias Neto e Ari Alecrim Pacheco Filho, diretores da Norte Placa Indústria e Comércio Ltda. anunciam a constituição das Indústrias Reunidas Norte Placa S. A., em São Luiz do Maranhão, onde fabricará chapas de acrílico, móveis e utilidades domésticas, além de uma grande linha de luminárias, tudo em acrílico. Um prédio com área construída de 2.200 metros quadrados já está pronto e as primeiras máquinas começam a ser montadas para que a indústria entre em funcionamento dentro de três meses. O objetivo de Sinval é atingir o mercado do Norte do país, incluindo os territórios, uma vez que a Norte Placa de Natal já atende a uma boa parte do mercado nordestino, tanto com placas acrílicas como esmaltadas.

○ POUPANÇA AINDA É O MELHOR INVESTIMENTO

Neste trimestre o rendimento das cadernetas de poupança será da ordem de 7,7% (6,2% de correção monetária e 1,5% de juros), segundo anuncia Francisco Cordeiro Bezerra, gerente em Natal da Banorte Crédito Imobiliário S. A. Com essa rentabilidade, continua sendo a caderneta de poupança o investimento mais tranquilo do país.

○ CARDOSO VAI À FENIT

Sebastião Cardoso, diretor-presidente da organização Casas Cardoso Tecidos, na sua constante preocupação de trazer para Natal os últimos lançamentos da moda brasileira, se fará presente à XX FENIT, em São Paulo. Ele é um dos poucos homens de negócios do Estado que participará dessa grande feira.

○ MARCELINO ABRE TRANSPORTADORA

Marcelino Varela Cocentino, que até bem pouco tempo gerenciou em Natal a CRECIF, associou-se com Luiz Cavalcanti de Oliveira e juntos fundaram a Transportadora Lumar Ltda., que já está em pleno funcionamento com endereço à travessa 2 de Novembro, 422. A Lumar aceita cargas para todos os pontos do país.

○ WILAMY HIDD E O GRUPO ABRIL

Wilamy Hidd Santos, distribuidor das publicações da editora Abril para o Rio Grande do Norte e Fernando de Noronha, informa que dentro de 30 a 60 dias será aberto em Natal o escritório da Transportadora Abril, empresa que vai cuidar especialmente do transporte das revistas da Abril para todo o país mas que entrará firme no mercado, aceitando cargas de terceiros, tanto para transporte rodoviário como aéreo. Wilamy foi convidado e já aceitou ser o gerente de mais esta empresa.

○ PLANA SE ESPECIALIZA EM PROJETOS AGROPECUÁRIOS

Gerardo Moreira Vale e Wilson Silva do Nascimento, diretores de PLANA — Administração Planejada e Auditoria, informam que este escritório de planejamento reorganizou o seu Departamento de Projetos visando, especificamente, atender à demanda de elaboração de projetos agropecuários e agroindustriais para financiamento pelo PROTERRA. O pessoal técnico de PLANA, com larga experiência nesse setor, elaborou recentemente o projeto de Wandick Lopes Agropecuária, já devidamente aprovado e se beneficiando de financiamento.

ECOCIL vai construir o Centro Integrado do Sesi

Já está instalado o canteiro de obras do consórcio Ecocil-Norte Brasil, na Avenida Capitão Mor Gouveia, marcando o início da construção do Centro Integrado Sesi/Senai. O último passo para execução do projeto, que representará investimento de Cr\$ 40 milhões, foi dado no mês passado quando, dentro das comemorações pela passagem do Dia da Indústria, o Sesi, o Senai, a Federação das Indústrias e as construtoras Ecocil e Norte-Brasil assinaram contrato para construção da primeira etapa da obra.

Fruto de um trabalho persistente e silencioso do Presidente da Federação das Indústrias, Sr. Expedito Amorim (atualmente também Tesoureiro da Confederação Nacional da Indústria), o Centro Integrado será, ao mesmo tempo, um dos mais belos cartões de visita da cidade e um moderno núcleo que concentrará as atividades administrativas, educacionais, assistenciais, de lazer e de formação e qualificação profissional desempenhadas pelo Serviço Social da Indústria e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

O projeto, de autoria dos arquitetos Ubirajara Galvão e Moacyr Gomes da Costa, prevê a ocupação de apenas 20 por cento do terreno com edificações, incluindo o Castelo d'Água, Casa de Hóspedes, Jardins e sistema viário de circulação. Isto porque foi considerada a paisagística global, com o aproveitamento das irregularidades de relevos e planos do solo, para oca-

sionar impactos visuais de efeito, e estabelecimento de grandes espaços verdes que deverão deixar no visitante, o desejo de desfrutá-los outras vezes.

PRIMEIRA ETAPA

A assinatura do contrato para execução da primeira etapa do projeto - quando serão investidos Cr\$ 23 milhões e construídos 15.776 metros quadrados dos 30 mil metros previstos, em estrutura de concreto - ocorreu em solenidade realizada no auditório da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, que contou com a participação de autoridades civis, militares, eclesiásticas e empresários, entre eles o Vice-Governador Genivaldo Barros; o Prefeito Vauban Faria; o Comandante da 7ª Brigada de Infantaria Motorizada, General Walter Pinto de Moraes; o Presidente da Federação do Comércio, Sr. Reginaldo Teófilo; o Secretário da Indústria e Comércio, economista Benivaldo Azevedo; e o Delegado Regional do Trabalho, Sr. Derval Marinho, Presidente da Associação Comercial, Sr. João Olimpio, Representante do CATRE, Reitor Domingos Gomes e outras personalidades.

Vencedoras da concorrência da qual participaram seis empresas de capital entre 5 e 8 milhões de cruzeiros, a Ecocil e a Norte-Brasil construirão a obra em regime do consórcio. Por outro lado, os cálculos da estrutura são do engenheiro Hélio Vare-



O engenheiro Fernando Bezerra, diretor da ECOCIL, assina o contrato para a construção da grande obra.

la de Albuquerque, as instalações elétricas ficarão sob a responsabilidade de equipe dirigida pelo engenheiro Luciano Rocha Coelho e toda a obra será fiscalizada por uma equipe chefiada pelo engenheiro Vauban Faria, escolhido para este posto quando ainda dirigia o Departamento Regional do Senai, por seus méritos e experiência em obras de vulto realizados no Estado, inclusive a barragem de Taipú.

Antes da elaboração do projeto, os arquitetos autores estiveram no Rio de Janeiro, onde visitaram as Escolas de Educação Física do Exército e da Aeronáutica, além do parque esportivo do Maracaná, obtendo subsídios para planejar o Centro Integrado Sesi/Senai conforme os padrões mais avançados de modo a atender as necessidades de qualificação e de lazer dos trabalhadores na indústria.

GRANDE PASSO

Facultada a palavra, após a assinatura do con-

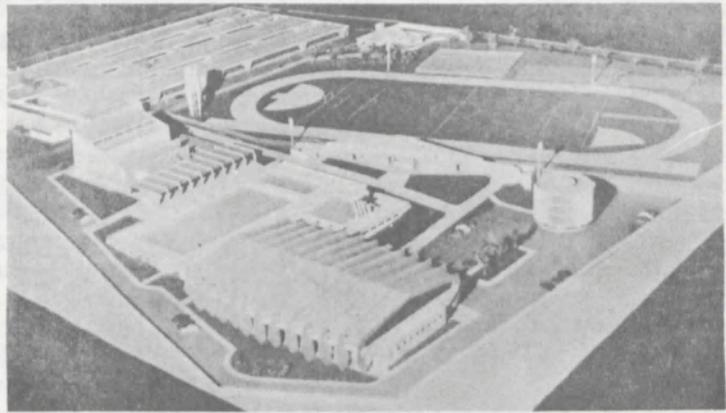
trato, o Presidente da Federação do Comércio, Sr. Reginaldo Teófilo, disse que parabenizava no momento o Sesi e o Senai, pois o Centro Integrado trará amplos benefícios à classe assistida pelos dois órgãos, especialmente à prestação de serviços do INPS de modo descentralizado. Ele reconheceu o esforço do Presidente Expedito Amorim para a concretização da obra, ressaltando que para realizar projetos menores na área dos órgãos que dirige, teve que enfrentar grandes sacrifícios.

Por sua vez, o Vice-Governador Genivaldo Barros disse, em nome do Governo Estadual, que o Rio Grande do Norte se regozija por possuir no setor empresarial filhos que se destacam nacionalmente e que aproveitam esse prestígio para carrear recursos para o Estado. Lembrou o significado da construção do Centro Integrado em termos de inversões de capitais e de benefícios sociais.

O contrato foi assinado



Manuel Leão Filho, Diretor de SENAI/RN; José Aurélio, Diretor da Norte-Brasil; Expedito Amorim, Presidente da FIERN e Fernando Bezerra, Diretor da ECOCIL.



Este é o monumental Centro Integrado SESI/SENAI, cuja construção começa esta semana.

pelo Presidente da FIERN e também Diretor do Sesi e Presidente do Conselho Regional do Senai, Sr. Expedito Amorim, pelo Presidente da Ecocil, engenheiro Fernando Bezerra, e pelo Presidente da Norte-Brasil, engenheiro José Aurélio como também pelo Diretor do Senai, Coronel Leão Filho, sendo testemunhas o Vice-Governador Genivaldo Barros e o Presidente da Federação do Comércio, Sr. Reginaldo Teófilo.

Encerrando a solenidade, o Presidente Expedito Amorim declarou que, como empresário e dirigente da FierN, ele se empolga com o desenvolvimento econômico, entretanto, mais o empolga o desenvolvimento social, razão porque tem se empenhado na execução de obras de largo alcance assistencial e promocional no setor da indústria, hoje beneficiando à milhares de pessoas, em Natal e em Mossoro, onde foram inaugurados há dois anos o Centro Social do Sesi, e o Centro de Formação do Senai.

Uma das provas desse empenho, está no crescimento do Serviço de Odontologia do Sesi em Natal que, instalado em 1971 sem condições físicas e técnicas ideais, naquele ano realizou 3 mil atendimentos, no ano seguinte, atingiu a 25 mil atendimentos e no ano passado atendeu a 120 mil trabalhadores na indústria e dependentes.

O projeto de uma obra-monumento

O Centro Integrado Sesi/Senai será construído na Av. Capitão-Mor Gouveia, ao lado da Ceasa-RN, em local considerado como o centro geométrico da Natal do futuro. Seu projeto partiu de uma concepção simples em que foram considerados fatores de arejamento, luminosidade e curvas de níveis do terreno.

O bloco principal - integrado pelo setor de assistência médico-odontológica, salas de aulas, auditório com 150 lugares, cursos de aprendizagem familiar, oficinas de tornearia, ajustagem e outras - terá à frente voltada para a Avenida, que corta a cidade, unindo as BRs 101 e 226. Ficará recuado 30 metros da Capitão-Mor Gouveia, com 15.776 metros quadrados, acesso através de um pórtico e daí em diante por uma passarela com pé direito duplo. Essa passarela dará acesso aos demais blocos e por meio de uma vitrine panorâmica, os visitantes divisarão todas as oficinas, enquanto a percorrerem.

Para proteger o interior do prédio contra o calor e a intensidade de luz solar e para servirem de canais de intercomunicação, serão aproveitados elementos da arquitetura tradicional do Nordeste, particularidade que tornará as circulações (alpendres) muito simples, alegres e claras, eliminando os corredores, produzindo um mini-clima e

reduzindo os custos da obra.

LAZER

As atividades de lazer ficarão concentradas no segundo bloco. Nele funcionarão o teatro para 500 espectadores - com ribalta, camarins, salas para ensaios de orquestras e projeções de filmes - e a grande cobertura destinada a festividades sociais e danças. O bloco visualmente será integrado ao Parque Aquático, composto de uma piscina olímpica (50x25), de doze raias, tanque de saltos ornamentais, piscina rasa semi-olímpica (25x12), vestiários de atletas ou banhistas e dois conjuntos de sauna para homens e mulheres.

O Ginásio coberto para prática de basquete, voli, handball e futebol de salão terá capacidade para 3 mil pessoas, com seus vãos de 45 metros de concreto pretendido, dependências para exercícios de judô, ginástica de aparelhos e ainda tribuna de honra e cabines de rádio e televisão. Será construído ainda um estádio para 3 mil pessoas sentadas, de campo com medidas olímpicas mínimas oficiais da FIFA, torres de iluminação e várias quadras abertas para treinamento de diversas modalidades esportivas. Além de uma pista de contorno com 400 metros, em tartan, com oito raias, caixas para saltos simples, triplices e com vara, caixas para saltos em altura e sem

vara, raias de lançamentos de discos, martelos, pesos e dardos.

Obedecendo às dimensões oficiais da FIFA, o conjunto de atletismo permitirá ao atleta que alcançar um novo recorde em qualquer modalidade obter o reconhecimento oficial da nova marca. No setor ainda funcionará uma Pousada de Atletas com acomodações para 150 participantes, dotadas de beliches, salão de jogos e televisão.

ANTEVISÃO

Apenas 20 por cento dos 75 mil metros quadrados da área do Centro Integrado Sesi/Senai serão constituídos de edificações, incluindo o Castelo d'água, a Casa de Hóspedes, os jardins e o sistema viário de circulação. Existirão grandes espaços verdes que estimularão os visitantes a retornarem ao local. E as irregularidades do solo serão aproveitadas convenientemente para ocasionarem impactos visuais de efeito, evitando as perspectivas monótonas que os planos, habitualmente, oferecem.

A obra, cuja construção começará dentro de oito dias, teve seu projeto apreciado pela Confederação Nacional da Indústria, encontrando da parte do órgão apoio total e, inclusive, recebendo sugestões de seu Presidente, o professor Tomás Pompeu de Souza Brasil Netto.



Genário Fonseca:

Cumprida missão no Serviço Público chegou a hora dos negócios

Genário Fonseca, ex-Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, executivo dinâmico e obstinado, líder natural, político articulador e persuasivo, quer agora ingressar na atividade privada. Seus primeiros planos se voltam para a formação de um grupo para implantar no Estado novos veículos de comunicação de massa — um jornal diário e uma emissora de rádio. Depois, ele pensa partir para a criação de uma Universidade particular em Natal, aproveitando a sua vasta experiência na UFRN como Reitor e professor. Acostumado a realizar todos os seus projetos, por conta do seu espírito de luta e capacidade de administrar, Genário entra no mercado de trabalho com vontade de vencer. E ele sempre teve muita sorte!

No rush de providências e compromissos naturais no término de qualquer administração, o major da reserva remunerada da Aeronáutica, Genário Fonseca, então ainda como Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, encontrava tempo para ir escolher, pessoalmente, com integrantes da Comissão do Campus, cadeiras e birôs na Recomepe. Eram móveis para alguns departamentos do Campus Universitário, construído com muita ousadia na administração do Reitor Genário

Fonseca. Não se tratava de capricho ou necessidade de afirmação de um administrador que se iniciava e, aí, é que se pode aferir a real capacidade de comando de um executivo: há menos de 15 dias do fim do seu período à frente dos destinos da UFRN, o Reitor Genário Fonseca ainda distribuía o seu dinamismo por todos os setores da vida da universidade, não só verificando a qualidade e o preço adequado dos móveis como supervisionava detalhes para a efetiva conclusão dos traba-

lhos no Campus, promovia entendimentos para a assinatura de um convênio pioneiro na Região entre o Hospital das Clínicas e o INPS, atendia aos compromissos de uma agenda de despedida bastante cansativa e ainda cuidava para que o "escritório" ficasse bem arrumado e condizente" para receber o novo Reitor.

Um estranho diria que se tratava de um administrador procurando se impor no início de um mandato. No entanto, era apenas uma

norma na vida de um homem que, aos 52 anos, costuma alardear, com particular orgulho, sua capacidade de superar obstáculos utilizando os instrumentos da obstinação e da capacidade de trabalho e com a imprescindível proteção do que ele mesmo chama de "auréola divina".

O filho de um pobre ferroviário conseguiu superar tenazmente todos os obstáculos e alcançar o cargo mais elevado da vida universitária.

Insinuante, confiante em si mesmo, rosto vermelho, cabelos levemente prateados, algo volumoso fisicamente mas longe de chegar à obesidade, aparência que mais se prestaria à um veterano galã de cinema do que à figura clássica de um Reitor, Genário Fonseca não deixava transparecer qualquer emoção à medida que se aproximava o dia de passar o posto para outro. No entanto, a emoção seria o fator mais adequado para um homem que, filho de um pobre ferroviário de Salvador (nasceu no dia 12 de janeiro de 1923, na Calçada do Bonfim, Distrito das Marés, poucos dias antes da festa do Senhor do Bonfim) conseguiu superar tenazmente todos os obstáculos até chegar ao topo máximo da vida universitária.

Talvez não porque a emoção seja um dado estranho numa estrutura psicológica tão dinâmica. Mas, pelo fato de não haver brecha para a emoção se instalar, por estarem todos os espaços de sua personalidade preenchidos com a necessidade de produzir.

Porque, no fim de um dia estafante, faltando duas semanas para passar o cargo, o Reitor Genário Fonseca, ao se surpreender numa tentativa de reviver cronologicamente o passado para prestar informações sobre a sua vida, deixou escapar a frase, enquanto olhava pensativamente pela janela do seu escritório na Reitoria:

— Puxa... faz tanto tempo...

SEMPRE NO PRIMEIRO LUGAR

E fazia mesmo. Porém não propriamente um tempo físico, mas um

RN-ECONÔMICO

tempo espacial. Era uma imensa distância percorrida desde aqueles dias de 1929, quando Genário Fonseca, depois de se iniciar nos bancos escolares, teve de se transferir para o Rio de Janeiro. Seu pai, Sabino Fonseca, sempre lutou com dificuldades para criar os oito filhos dos seus dois casamentos — Genário é filho do primeiro, juntamente com uma irmã. No Rio, Sabino ficou servindo na Central do Brasil, enquanto Genário voltava a peregrinar pelos bancos escolares, um deles na rua Sete de Setembro. Com 13 anos, o Rio Grande do Norte entrou pela primeira vez em seu destino, com a transferência do pai para Mossoró.

As ligações de Genário Fonseca com o Rio Grande do Norte vêm de longe. Ele tinha apenas 13 anos quando o seu pai, Sabino Fonseca, foi transferido para Mossoró e lá trabalhou vários anos.

Posteriormente, retornou ao Rio, onde continuou estudando e passou a trabalhar como ajudante num escritório de advocacia.

Fêz um curso na Escola de Especialista de Rádio Telegrafista da Aeronáutica e passou em primeiro lugar. Na ocasião, oito de seus colegas desejavam ingressar no Curso Especial, mas não havia vaga. Como trabalhava no Ministério, conseguiu junto ao Ministro que seus companheiros pudessem ingressar no curso — e já aí se manifestava a sua capacidade de liderança. Como primeiro da turma, pôde escolher o Rio Grande do Norte, onde já criava raízes.

Em Mossoró, teve a sua primeira experiência como administrador, comandando o destacamento da Estação de Rádio BUZ-4. Continuou estudando, fazendo o Curso 91 e concluindo o de Técnico em Contabilidade na União Caixeiral, apesar de já estar casado com Maria Hele-

na Marques Fonseca. Foi transferido para Natal, passando a chefiar a estação de rádio de Parnamirim, a ZYNT, além de ser assessor do chefe de Tráfego Aéreo. Eventualmente, serviu, ainda, em Fortaleza e Recife — tanto que um dos seus filhos é cearense.

Fixando-se em Natal, formou-se pela Faculdade de Farmácia, onde começou a sua carreira universitária, sendo seu diretor por três períodos consecutivos entre 1960 e 1970. Dirigiu, também, o Laboratório de Produção e, com o apoio do então Reitor Onofre Lopes, conseguiu implantar a fabricação de medicamentos.

Sem se contentar no acomodamento das posições conquistadas, Genário Fonseca impunha-se a si mesmo um frenético ritmo de trabalho que se traduzia normalmente em realizações em cada posto ocupado — sempre chefiando. Além da dinamização das atividades do Laboratório de Produção, ele conseguiu também construir o prédio atual da Faculdade.

A ESCOLA PARA UM COMANDANTE

Revolvendo as lembranças — cronologia difícil para uma vida dinâmica — o ainda Reitor Genário Fonseca explica a sua capacidade de liderança e de comando com a experiência adquirida durante o período de vida militar.

— Realmente — é a sua versão — *tudo o que aprendi, devo a Escola de Especialistas da Aeronáutica. Lá, todo o meu tempo foi de chefia e isso me deu muita experiência. A militar, sem sombra de dúvida, é a melhor escola. Isso me serviu muito, mas naturalmente não foi tudo. Acho que a propensão natural também existe, daí o aproveitamento e a formação de um espírito de liderança.*

“Sou um pobre que venceu na vida com muito sacrifício. Na realidade, sou um obstinado. E não paro quando quero transpor os obstáculos”.

Esse espírito de liderança e a formação militar foram canalizados para a execução de um trabalho incansável na vida universitária. O trabalho desenvolvido na Faculdade de Farmácia, naturalmente, funcionou como um credenciamento automático junto ao Reitor Onofre Lopes. Com determinação, Genário Fonseca obtinha a qualificação prática para um possível mandato de Reitor a sua estratégia talvez possa

ser considerada uma anti-estratégia, pois o apoio logístico era a sua própria capacidade, sua arma a disposição para atingir metas.

— *Se o Reitor Onofre Lopes naquela época agiu para me colocar como o seu sucessor?* — pergunta Genário Fonseca, para esclarecer melhor a pergunta e situar mais um capítulo de sua vida. E responde:

— *Não... Não. Posso dizer o seguinte: um dia, ele me chamou e, sem entrar em detalhes, fez uma exposição minuciosa sobre as obrigações de um reitor, as normas, etc. Porém não falou em nomes.*

Mas certamente Genário Fonseca percebia que estava próximo outro passo na sua escalada ascensional. Era mais uma batalha ganha.

A CONSTRUÇÃO DO CAMPUS

Enfim, o filho do honesto e esforçado ferroviário Sabino estava no topo.

Mas a Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte não eram os postos de radiotelegrafia que comandara, nem destacamentos da Aeronáutica ou a direção da Faculdade de Farmácia. Os problemas eram de maior dimensão, principalmente num momento em que o ensino universitário, com a nova política desenvolvimentista implantada no país, ganhava nova dimensão, sem falar no próprio espírito do jovem universitário. Havia, por exemplo, o desafio da reforma universitária, um inimigo a dobrar em mais uma batalha para o administrador.

E mais: um Campus Universitário para construir.

Eis porém que, aliada à experiência de comando, surgiram a obstinação na remoção de obstáculos e a "proteção divina" — ou simplesmente sorte. A reforma foi executada e a providencial doação pelo Governo do Estado de um terreno que o Exército liberou de margem ao início da construção do Campus. Esta batalha, por sinal, foi uma das últimas de grande porte para Genário Fonseca.

E, já com o melhor enfoque da proximidade, ele lembra:

— *Não tínhamos nada. Isso há dois anos e meio. O Governo Cortez Pereira prontificou-se a doar o terreno antes ocupado pelo Exército, incluindo, porém, uma cláusula: a de que, caso surgissem questões pelo não pagamento de desapropriações,*

ficaríamos com o encargo. Aceitamos. Mas a história mesmo do Campus começa com a formação de um Grupo Pró-Construção do Campus, com um total de 10 pessoas, tendo Domingos Gomes de Lima como secretário e eu na presidência. Integravam (e integram) o grupo engenheiros, arquitetos, etc. Depois de estarmos com o terreno à disposição, tínhamos de providenciar a sua preparação a fim de podermos lutar pelas verbas da construção. A primeira doação nesse sentido foi da EIT, que colocou à nossa disposição máquinas e homens para os serviços de terraplenagem. A partir daí, batalhamos pelas verbas do MEC e fomos erguendo o Campus.

Essa batalha, contudo, só foi ganha porque a máquina administrativa era conduzida com eficiência, inclusive num ponto nevrálgico: no relacionamento com a massa estudantil, o que permitia a concentração de esforços em determinados objetivos básicos — as tais batalhas que terminam com a vitória na guerra.

— *Nunca tive* — é uma das agradáveis recordações de Genário Fonseca — *qualquer atrito com os estudantes. Durante a minha administração na Universidade Federal do Rio Grande do Norte houve a mais perfeita harmonia e nunca precisei utilizar instrumentos punitivos como o Decreto 477, por exemplo. No entanto, continuo achando que o Decreto 477 é necessário. Não a sua aplicação indiscriminada, claro. Mas como uma espada sempre pronta a ser usada. É a mesma coisa de uma pessoa ter uma arma em casa para a utilizar na ocasião de um ataque. Sob esse aspecto é que eu defendo a existência do Decreto 477 na vida universitária.*

O HOMEM E O PASSADO PRÓXIMO

Então, mesmo com o frenesi da atividade, o momento da reflexão, forçada pela necessidade de rememorar e fornecer dados sobre si mesmo. O passado é vago em datas, porém pleno de períodos significativos. A lembrança da trágica morte da primeira esposa Maria Helena Marques, vitimada por um aneurisma cerebral. Como o pai, teve um segundo casamento: sua atual esposa é a professora Isolda Leite Fonseca, da Cadeira de Tecnologia e Alimentos da UFRN.

Sempre cuidadoso com a clareza

dos assuntos, Genário Fonseca, ao mencionar a ligação de sua esposa com a UFRN, faz questão de adicionar a informação: professora concursada.

Como concursado é um dos seus seis filhos, o pediatra Nei Marques Fonseca, professor da UFRN.

Já resvalando para aquele terreno de certa mágoa que tem todo administrador, Genário Fonseca friza:

— *Na ocasião do concurso, todo mundo foi olhar, na esperança de ver alguma proteção. Não houve e Nei fez um dos mais brilhantes concursos. A prova é que, hoje em dia, é um dos mais procurados médicos pediatras da cidade. O outro filho, Sidnei Marques Fonseca, é formado pela Universidade Federal de Pernambuco e, aqui, tirou o 1.º lugar no vestibular de Medicina.*

— *Mas — diz Genário — eu quis que ele fosse para Pernambuco. Aqui, foi na época do "sambaquí": por demagogia, abriram muitas vagas. Sidnei foi tentar o vestibular em Pernambuco e novamente muita gente disse que ele não passava. Foi 1.º lugar.*

Outro filho que se destacou nos estudos é Cid Marques, bioquímico, que faz mestrado em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais. A caçula é a única mulher dos seis filhos: Helena, de 13 anos.

No relacionamento da escalada, a pergunta quase óbvia para um homem bem sucedido: a obstinação e o sucesso não provocaram a criação de "inimigos"?

Sem se acomodar com as posições conquistadas, Genário impunha a si mesmo um frenético ritmo de trabalho que sempre se traduzia em realizações em cada posto ocupado.

— *Não propriamente inimigos. Porém muitos observadores implacáveis. Isso tudo porque sempre fui protegido pela auréola divina. Posso provar tudo o que fiz. Sou pobre que venceu na vida com muito sacrifício. Na realidade, sou um obstinado. E não paro quando quero transpor os obstáculos. Mas sempre usei e uso métodos lícitos. Certa implacabilidade*

de contra mim deve ter razão no fato de ter sido militar, integrante de órgãos de informação, presidente da sub-CGI e isso deixa algum ranço, além do fato de ser forasteiro. Porém não me sinto forasteiro. E esse pouco de "oposição" eu até agradeço. Feliz daquele que pode ter oposição dentro desse processo. Evidentemente, dentro daquele critério da crítica construtiva.

"Eu não tinha intenção de ser governador. Falaram, me procuraram, mas eu não interferi nem contribuí para esse falatório. Se pretendesse o cargo, teria trabalhado, usaria da minha obstinação e poderia até ter tido sucesso".

Na escalada progressiva, a possibilidade da própria chefia do Executivo, o posto de governador. Um episódio curioso, quase presente: um homem tão determinado, tão acostumado a demolir obstáculos, tão bem relacionado nas áreas de segurança, como deixou passar a oportunidade?

— Não. Eu não tinha a intenção de ser governador. Falaram, me procuraram. Mas não interferi, nem contribuí para esse falatório. Se quisesse, se pretendesse o cargo de governador do Rio Grande do Norte teria trabalhado, usaria da minha obstinação e poderia até ter tido sucesso, pois tenho muita sorte. Quando todos os candidatos foram a Brasília, eu fiquei, como pode bem testemunhar o Senador Dinarte Mariz. Mesmo assim, nunca tentei evitar os comentários em torno da minha pessoa, porque encarava essas cogitações até como um reconhecimento ao meu trabalho.

Quanto ao episódio da indicação de Domingos Gomes de Lima para a sua sucessão na Reitoria, a versão de Genásio Fonseca:

— Apenas providenciei uma pesquisa para saber qual o melhor nome. A escolha pelos Conselhos Universitário e de Ensino e Pesquisa foi feita dentro da maior democracia. Nunca fui pedir votos. Apenas, alguns membros tomaram conhecimento da pesquisa que mandei realizar para meu uso e constatarem

ser o primeiro o nome de Domingos. Talvez tenham acompanhado a votação por causa disso. Mesmo assim, houve o tumulto na primeira escolha por causa da não publicação de editais na imprensa. Para evitar tumulto, repeti o processo. Entreguei a lista ao Ministro Ney Braga e disse que qualquer dos nomes escolhidos me satisfaria. Após a entrega da lista, fui ao Exterior. No México (Guadalajara), fiz conferência e ganhei o título de Professor Conferencista. Depois, a convite do Departamento de Estado do Governo norte-americano, fui participar do XV Seminário de Educação Superior das Américas, no Peru, New México, Kansas e Washington. Fui honrado com o convite para a presidência geral do Seminário, título inédito para professores brasileiros.

"Não acredito que o tecnocrata supere o político na condução dos destinos do país, como estão dizendo. Pelo contrário: agora é que o político está adquirindo a sua personalidade".

Depois da longa jornada, novamente a necessidade de continuar caminhando.

Voltando ao presente quase futuro, Genário Fonseca sente-se mais à vontade, dentro de sua objetividade:

— Sou major da reserva da Aeronáutica.

Depois, começa a falar dos planos gerais:

— Sim: estamos formando um grupo que, de princípio, procurará colocar em funcionamento um complexo de comunicação, com um jornal diário e uma estação de rádio, além de uma revista e um parque gráfico. Depois, temos um projeto para o setor educacional, que será levado a efeito aproveitando a minha experiência nesse setor.

Novamente a obstinação, quando surge a pergunta sobre a reserva com que o Ministério da Educação está vendo as universidades particulares no país e se isso não seria prejudicial aos planos para a IAGN, onde será um dos diretores.

— A prevenção — diz com con-

vicção — é contra a má universidade particular. As boas universidades particulares são necessárias, num país que pede cada vez mais a existência de universidades. Aqui mesmo no Rio Grande do Norte de cada seis mil jovens que procuram o ensino superior a cada ano sobram quatro mil, em média. Agora, a universidade particular tem de ser boa, daí a dificuldade para a sua criação e reconhecimento.

Quanto ao vestibular, responde com uma pergunta provocante:

— Quem mostra um método melhor?

Conclui o raciocínio, dizendo:

— A prova é que os outros, como o da verificação vocacional, falharam nos Estados Unidos. E falha o da vocação, por exemplo, porque muitas vezes o teste de capacitação é feito numa fase da vida. Depois, essa fase passa e a inclinação muda também.



Genário Fonseca: "As boas universidades particulares são necessárias, num país que pede cada vez mais a existência de universidades. Aqui mesmo, de cada seis mil jovens que procuram a UFRN, sobram quatro mil"

Quase como ex-Reitor, nessa ocasião, começa a surgir a figura do executivo eficiente, do tecnocrata moderno com disciplina militar e técnica. Porém, tem uma revelação surpreendente:

— Não acredito que o tecnocrata supere a político na condução dos destinos do país, como estão dizendo. Pelo contrário: agora é que o político está adquirindo a sua personalidade. O termo político, para ser empregado, tem de ser completo. Como Jarbas Passarinho, que afirmou a necessidade do político estudar. O político do passado, que se limita a fazer politicalha, não pode mais existir. ○

Banco do Nordeste concede financiamento à Borborema



O Banco do Nordeste vem de conceder financiamento à S/A Fiação Borborema, no montante de 119.534 ORTN, equivalentes a Cr\$

13,6 milhões. Trata-se de recursos oriundos do BNDE (programa de Operações Conjuntas). Esse financiamento destina-se à amplia-

ção da capacidade produtiva da unidade industrial dedicada à fabricação de fios

finos de algodão que a Borborema mantém em Natal, prevendo-se uma elevação de 15 mil para 30 mil fusos.

Esta é a segunda vez que a empresa é beneficiada com

financiamento do BNB, tendo iniciado a sua implantação em 1968 com recursos do primeiro crédito e apoio da Sudene. A foto registra o momento do fechamento do

contrato de financiamento, assinado pelos Srs. Fernando de Freitas Crissiuma e Angelo Lagrotta de Almeida Bastos, diretor superintendente e diretor administrativo da Borborema, e por Francisco Sales Vale e Maria do Socorro Ferreira Praça, pelo Banco do Nordeste. Presente, também, o Sr. Geraldo Guedes que representou o CARIN.

O GOVERNO QUER ACABAR A SONEGAÇÃO DO I C M

De repente, os fiscais da Secretaria da Fazenda do Estado começam a atuar com mais intensidade, aplicando multas vultosas nos comerciantes relapsos no pagamento do ICM e estabelecendo prazos sumários para a liquidação de impostos atrasados. A Secretaria não chama isso arrocho fiscal, mas de combate à sonegação, prática que estava muito em voga. As lideranças da classe produtora não têm de que reclamar.

Não se trata de arrocho fiscal, faz questão de frisar a Secretaria da Fazenda do Estado. Evidentemente, o que o Governo deseja é esclarecer o empresário para a impossibilidade de, hoje, ele sequer pensar em sonegar impostos. Isto é o que acha a maioria dos comerciantes consultados sobre a campanha de fiscalização que a Secretaria está pondo em prática. E que visa tanto um completo entrosamento entre o fisco e o contribuinte, quanto evitar a evasão de rendas por conta da sonegação do ICM, prática ilegal que muito amiúde se tem comprovado da parte de alguns comerciantes.

Que está havendo sonegação não há que negar, mas a Secretaria prefere não utilizar o termo, classificando o fato de "uma desigualdade entre o valor agregado e o crédito acumulado, na escrita contábil de determinadas firmas". Ou seja: há empresas que estão vendendo menos do que compram, de acordo com o que contabilizam.

O que ocorre também é que, hoje, a Secretaria da Fazenda está apta a saber o quanto compra qualquer firma comercial, em virtude da troca de informações tributárias, que os Estados fazem entre si — fato que muito comerciante desconhece. Assim, quando uma determinada firma do RN compra em São Paulo ou no Paraná, ou seja lá onde fôr, a Secretaria da Fazenda do Estado vendedor envia para a sua congênere potiguar có-



Alfredo Gama: "Havia firmas que extraíam cinco notas fiscais por mês"

pia da documentação referente à compra — o mesmo fazendo a do Rio Grande do Norte, para o Estado ao qual se destina qualquer mercadoria vendida aqui.

Esse sistema de troca de informações é que torna praticamente impossível, hoje, algum comerciante sequer pretender sonegar impostos. É quanto à campanha que a Secretaria está pondo em prática, trata-se de um ato de rotina — diz Alfredo Gama de Carvalho, diretor de Fiscalização — apenas agora mais programada e mais organizada. Continua ele:

— "A rigor, o que estamos pondo em prática agora é justamente um estudo feito pelo atual secretário, Artur Nunes de Oliveira Filho, ao tempo em que ele, funcionário da SÉRPRO, foi contratado pela Secretaria da Fazenda. O seu trabalho não foi considerado até a praticidade, na época, e ele, assumindo a nova função, a primeira coisa que fez foi pedir o documento. E coodenou as coisas, para que agora o tenhamos em prática".

ARRECADAÇÃO SE RECUPERA

Foi há algumas semanas que os fiscais da Fazenda começaram a aparecer nos escritórios das firmas comerciais, analisando livros, levantando estoques e encontrando uma série de disparidades entre os dados que tinham em mãos, levados da Secretaria, e os que os livros das empresas apontavam. A partir daí, sentindo que estava em ação uma operação diferente, os empresários se apressaram em pedir uma audiência com o Secretário e no final de maio uma representação das classes empresariais foi recebida no gabinete da Praça do Estudante. Era formada por João Olímpio Filho, Garibaldi Cabral Pereira Fagundes e Emídio Matos, da Associação Comrcial; Aderbal Soares Costa, do Clube de Diretores Lojistas; Reginaldo Teófilo e José Resende Filho, da Federação do Comércio; José Fernandes Martins, do

Sindicato dos Representantes Comerciais; e José Marçílio Furtado, do Sindicato do Comércio Varejista. A reunião transcorreu num ambiente franco e amigável.

— “A minha impressão” — diz João Olímpio Filho — “de acordo com os entendimentos mantidos com o Secretário, é de que o Governo não pretende promover o chamado arrocho fiscal, mas sim disciplinar o contribuinte, para que ele cumpra as suas obrigações, sem que seja necessário a Fiscalização tomar medidas que venham a assegurar a defesa de interesses do Estado”.



João Olímpio: “A minha impressão é de que o governo não pretende promover o chamado arrocho fiscal”

José Resende Filho é da mesma opinião: “O que o Estado quer é receber o que lhe é devido. Principalmente porque hoje ele sabe quem paga certo e quem está devendo”.

Diz Alfredo Gama de Carvalho que o sucesso da operação está também no fato do fiscal ter obrigação de apresentar respostas de sua ação, estando a Secretaria também recebendo ajuda do Ministério da Fazenda, através do SERPRO, que faz análises da Guia de Informação e Apuração do ICM.

— “A proporção das firmas de valor agregado negativo é de mais de 40%” — diz ele — “entre os contribuintes que apresentaram guias. Outras nem sequer apresentaram as guias, permanecendo omisssas. E é claro que a presença da fiscalização se fará com mais frequência nas firmas que tenham o valor agregado negativo, embora a cam-

panha seja dirigida indistintamente.

Afirma Alfredo Gama que havia firmas, por exemplo, que expediam apenas cinco notas fiscais por mês. Atualmente, estão expedindo mais de duzentas. Mesmo assim, todos estão demonstrando uma completa compreensão, diante dos propósitos do Governo do Estado, nessa pretensão de aumentar a arrecadação do ICM.

E esse aumento, não significasse uma determinante natural face às irregularidades que se estavam comprovando, já seria um natural mecanismo de defesa que o fisco utilizaria para, pelo menos, voltar a recolher quantias idênticas às dos primeiros meses do ano.

Em janeiro, o Estado recolheu de ICM, a importância de Cr\$ 19.033.876,00. Em fevereiro, Cr\$ 18.511.914,00. Em março, Cr\$ 14.530.341,00. Em maio, Cr\$ 16.518.987,00. Para junho, há previsão para arrecadação superior a Cr\$ 16 milhões.

— “Verifica-se que no mês de março, época de transição política com troca de governadores, a arrecadação caiu consideravelmente. Mas em abril, primeiro mês do novo



José Resende: “O Estado quer receber o que lhe é devido”

governo, já com a nova operação em prática, ela ascendeu bastante e assim continuará” — diz Alfredo Gama de Carvalho.

AÇÃO EM TODO O ESTADO

Por ora, a Secretaria da Fazenda está agindo apenas junto ao co-

mércio tradicional, mas posteriormente a ação fiscalizadora vai atingir todas as outras atividades. E atualmente está sendo estudada a reorganização do GRUMEC — que fiscaliza a tributação do sal, uma operação que será praticada com a colaboração da Receita Federal, visto envolver interesse do Ministério da Fazenda, pois 10% do Imposto Único Sobre Minérios são recolhidos à Nação. A fiscalização sobre o sal, por seu turno, será depois estendida a todos os demais minérios extraídos no Estado. E dentro em breve a fiscalização programada que já está sendo efetuada na capital, junto ao comércio, se estenderá às principais cidades do interior.

Quando às maneiras de pagamento de dívidas flagradas, o Secretário Artur Nunes de Oliveira Filho disse, na reunião com os empresários, que a Fiscalização dará oportunidade para que o contribuinte pague espontaneamente. Caso haja desatenção, ela agirá, não coagindo, mas sempre com a intenção de disciplinar. O contribuinte que se sentir devedor, pode pagar o imposto espontaneamente, sem multas. Para que haja desdobramento, será necessário o procedimento de um processo fiscal, sendo então cobradas multas e taxas.

— “Existe uma lei já obsoleta, mas ainda em vigor, que trata de parcelamento de dívidas” — diz Alfredo Gama. “Mas ficará sempre a critério do Secretário e de seus assessores o estudo de cada caso de firmas devedoras”.

“O pessoal da fiscalização, esse está coeso e colaborando ao máximo, aceitando de bom grado o nosso método de trabalho. Há um grande espírito de cooperação da parte dos fiscais, para com a Secretaria e o próprio Governo do Estado,” acrescenta Alfredo Gama. E quanto a um novo remanejamento de pessoal, não há perspectiva para tão cedo. O que ocorreu recentemente, foi por determinação da própria necessidade do serviço, nunca para atender a outros interesses. ○

Quem terá vez no FINOR?

A SUDENE regulamentou o FINOR, mas a matéria continua sendo motivo de muitas controvérsias entre os empresários, principalmente entre os que, tendo recorrido aos incentivos fiscais, esperam ansiosamente o fim da novela do 34/18. Muitos deles, desiludidos.

Agora que o FINOR — Fundo de Investimentos do Nordeste — teve regulamentado o Decreto que o criou (n.º 1.376, de 12.12.74) só resta aos empresários ligados à problemática dos incentivos fiscais a expectativa de se verem incluídos, de acordo com os critérios da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, nas prioridades que a própria regulamentação determinou através da Portaria n.º 44/75, e que dispõe sobre a inclusão no sistema do FINOR, de projetos já aprovados pela Sudene e dá outras providências.

É justamente esse sistema de prioridades que está deixando os empresários apreensivos, principalmente em virtude de não se saber até que ponto serão reavaliados os custos dos projetos, para que alcancem as etapas previstas na letra legal. Mesmo assim, já alenta o fato de, a partir de agora, os dinheiros destinados aos projetos saírem diretamente do Banco do Nordeste do Brasil para serem aplicados pelos empresários. E de, não havendo mais intermediários para conseguir incentivos fiscais pelos quais se pagavam altíssimos ágios, se ter a certeza de que, na hora em que faltar provimento na conta do FINOR, no BNB, o Governo Federal garantirá a conta, com recursos próprios.

Uma coisa também é certa: o FINOR tem uma finalidade saneadora, a de evitar a inclusão em seus quadros de empresas problemáticas, que posteriormente venham a causar prejuízos, já em decorrência de infra-estrutura viciada. Por isto, a seleção será rigorosa, diz o economista Antonio de Pádua, chefe do escritório da Sudene, no RN. Principalmente porque, sendo o FINOR, especificamente, um fundo de investimentos, se pretende que ele seja



Sebastião Figueiredo: "Não há porque a SUDENE incluir no programa do FINOR os projetos que não apresentam viabilidade técnica, econômica e financeira"

altamente rentável, para que despertasse interesse dos investidores. Ele tem a pretensão de, por exemplo, concorrer com as Cadernetas de Poupança, em termos de pagamento de dividendos, de acordo com a rentabilidade média dos lucros das empresas, ao final dos exercícios financeiros. Por isto, para oferecer ao investidor uma boa margem de lucros, é que se evitará o ingresso de empresas que possam vir a se tornar negativas. Daí, os critérios de seleção e a lista de exigências e prioridades que a Regulamentação determina.

AS PRIORIDADES

A rigor, os empresários potiguares não são contrários às determinações da Portaria n.º 44/75, da Sudene, e *Sebastião Figueiredo*, dire-

tor superintendente das *Confecções Contê*, um projeto beneficiado pelos incentivos fiscais, diz mesmo que acha razoável a escala de prioridades:

— "Não há porque a Sudene incluir no programa do FINOR os projetos que não apresentem viabilidade técnica, econômica ou financeira, dentro da conjuntura atual" — diz ele. E acrescenta: "A escala de prioridades é absolutamente compatível com as finalidades do Fundo de Investimentos do Nordeste, ressaltados os projetos específicos, de interesse regional, tais como os projetos têxteis ou outros que venham a integrar essa faixa, e que ainda não tenham cumprido as exigências do Art. 6.º da Regulamentação".

Esse artigo é o que, através de seis itens, dispõe sobre a inclusão no FINOR dos projetos aprovados até 12.12.74:

"I — projetos para os quais já tenha sido expedido o "Quadro Final de Inversões e Desembolso de Recursos e que venham funcionando normalmente;

"II — projetos que tenham atingido um índice igual ou superior a 70% de execução física e que se encontram em fase normal de implantação;

"III — projetos cujos cronogramas físico-financeiros estejam sendo cumpridos com antecipação;

"IV — projetos localizados nos Estados menos desenvolvidos do Nordeste;

"V — projetos que disponham de saldo a liberar, em decorrência de recomendação feita pela Sudene, nos doze meses anteriores à vigência da Portaria;

"VI — demais projetos, obedecendo o critério de maior índice de execução físico-financeira, em função do Calendário de Inversões e De-

sempre de Recursos, aprovado”.

Diz o economista Antônio de Pádua que hoje já se sabe que 138 projetos, em todo o Nordeste, entrarão no FINOR, dentre os que a Sudene aprovou até o dia 12 de dezembro de 1974. Desses, 104 são industriais e 34 agropecuários.

No Rio Grande do Norte há 8 empresas, de princípio, enquadradas para, a partir do dia 1.º de julho — quando o FINOR começa a funcionar efetivamente — receberem incentivos fiscais. Elas estão incluídas nos itens I e II do Art. 6.º da Regulamentação: funcionam normalmente, expediram o Quadro Final das Inversões e Desembolso de Recursos ou estão com índice de 70% (ou mais) de execução física, implantando-se normalmente. Essas empresas são: *Agropecuária Salto da Onça S. A.*, *FITEMA — Fiação e Tecelagem Mossoró S. A.*, *SORIE-*



Antônio Ribeiro de Andrade: “A culpa pelo retardamento na implantação dos projetos não foi dos empresários. Pelo contrário. Os empresários que preferiram parar tiveram a dignidade de não favorecer ao enriquecimento ilícito dos que negociavam os incentivos à base de 40% de comissão”

DEM S. A. Confecções, J. Motta Indústria e Comércio S.A., EMPESCA S. A. — Construções Navais, Pesca & Exportação, INPASA — Indústria de Papéis S. A., SOSAL — Salineira do Nordeste S. A. e SUAPE — Sulamericana de Pesca S. A.

Quando essas empresas forem beneficiadas, sairão para dar vez a outras, que estejam enquadradas nas prioridades seguintes, sempre obedecendo a um critério geral, abrangente de todo o Nordeste.

QUADRO GERAL

Diz ainda o chefe do escritório da Sudene em Natal que em toda a

região, a Sudene tem 1.500 projetos aprovados. Desses, 300 estão incluídos. Dos 1.200 restantes, que por motivos diversos não conseguiram iniciar a captação, cerca de 300 foram considerados caducos e estão fora de qualquer possibilidade de virem a ser incluídos no FINOR. Dos 900 restantes, diz ele, a grosso modo uns 140 entrarão na primeira etapa de funcionamento do Fundo, restando, então 760. Desses, mais ou menos à metade (380) terá que regularizar a sua situação, o que certamente levará tempo, podendo acontecer que muitos venham a ser considerados caducos.

Restariam então, 380 projetos para a segunda etapa, dos quais certamente apenas uns 190 poderiam estar em ponto de serem beneficiados pelo FINOR, numa terceira etapa de atendimento.

No Rio Grande do Norte a situação é a seguinte: 96 projetos foram aprovados, tendo 15 sido declarados caducos. Os 81 restantes são 48 industriais e 33 agropecuários. Desses, nove já estão concluídos (oito industriais e 1 agropecuário). Em funcionamento, mesmo que não completados, existem 28 projetos industriais, dos quais 8 *declarados concluídos* e 20 bem perto disto. O quadro geral do RN seria, então: 20 projetos industriais e 32 agropecuários em fase de conclusão, ou seja: 52 projetos para entrar no FINOR. Dos 32 agropecuários, há 9 paralizados, dos quais uns quatro

não conseguirão atender aos prazos determinados pela Sudene, para regularizar a sua situação, sendo por isto, declarados caducos. Dos industriais, dos 20 em andamento, há oito paralizados, que têm até o mês de junho para se regularizarem.

Antônio de Pádua acha que o percentual do Rio Grande do Norte é muito bom, comparado com os de outros Estados. Temos 29 empresas funcionando e outras caminhando devagar, é verdade, mas com normalidade. Mesmo as 17 empresas que se encontram com problemas, diz ele, poderão se salvar, desde que adquiridas por grupos capacitados.

OS BILHÕES DO FINOR

Antônio Ribeiro de Andrade, agricultor, tem um projeto entre os agropecuários aprovados pela Sudene, a *Potengi Industrial Agropecuária S. A.* Ele não sabe certamente em qual prioridade o seu projeto será incluído e é um dos que perguntam até que ponto será considerada a reavaliação, para que os custos antigos sejam equacionados, em termos de proporção com os atuais. Perguntado sobre as causas do retardamento da implantação de muitos projetos, ele diz que uma coisa é certa: a culpa não foi dos empresários.

— “Muito pelo contrário” — acrescenta. “Eles foram até prudentes, pois não concorreram para o enriquecimento ilícito de muitos, que negociavam incentivos na base de

CALCULADORAS ELETRÔNICAS
REMINGTON RAND
É COM A
RECOMAPE!

REVENDEDOR AUTORIZADO
RECOMAPE
MATRIZ — Rua Dr. Barata, 242
FILIAL — Praça Augusto Severo, 91 Fone: 2-1067 e 2-1018

30/40% de ágios. E mais: esses empresários sofridos agora devem ser recompensados, pois mostraram bom senso, aguardando. É o que se espera da Sudene e o que certamente ocorrerá, haja visto o entusiasmo do sr. Antônio de Pádua, portavoza da Superintendência, entre nós".

Dinheiro para que o FINOR atenda, esse há. Sabe-se que, até o final de 1975, a Sudene disporá de Cr\$ 3,1 bilhões depositados à conta do FINOR, sendo Cr\$ 2,5 bilhões do Imposto de Renda e Cr\$ 500 milhões do próprio Governo Federal, além de Cr\$ 100 milhões de pessoas físicas. Todo esse dinheiro será aplicado em seis meses, de acordo com as prioridades da Regulamentação do Fundo. Considerando-se que os recolhimentos do Imposto de Renda aumentam de ano para ano, certamente para 1976 esse montante global será consideravelmente acrescido e, porque não existe um limite para as disponibilidades do Fundo, essas crescerão sempre na proporção das necessidades das empresas programadas para receber incentivos. No caso do total global não atender essas necessidades, o Governo Federal o completará, como fez para este semestre.

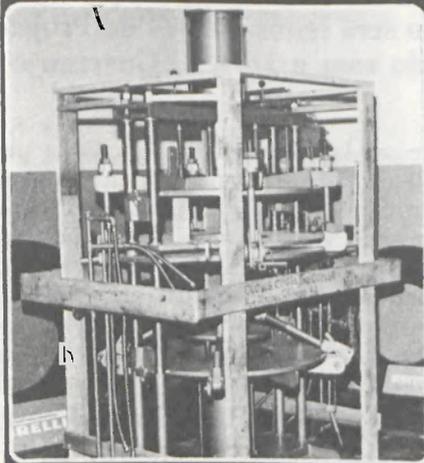
INVESTIR NO FINOR

A partir de 1.º de julho o FINOR começará a liberar recursos para os projetos inicialmente beneficiários, diz Antônio de Pádua, se não ocorrer alguma coisa que provoque o retardamento. E desde agora já está acenando aos investidores, lhes mostrando as garantias e as possibilidades de êxito de seus sistemas de guarda e multiplicação de dinheiros.

Para se entender como o FINOR vai funcionar, pode-se considerar um hipotético investidor que antes teria que pagar Cr\$ 200 mil de Imposto de Renda. Cr\$ 100 ele pagava de fato, e os outros Cr\$ 100 depositava em conta bloqueada, em qualquer banco — mas só os dava à empresa de sua preferência, do que adveio a corrupção do sistema de captação de incentivos dos artigos 34/18, porque receberia quem pagasse os altos ágios exigidos. Agora, os Cr\$ 200 mil serão recolhidos pela Receita Federal e esta é que jogará os 50% na conta do FINOR, no Banco do Nordeste — como fará com o que for dirigido ao FINAM (Fundo de Incentivos da

O MELHOR PNEU, O MELHOR ATENDIMENTO

Tyresoles Potiguar acaba de adquirir duas modernas máquinas, para melhor atender a sua clientela, na Recauchutagem e no Balanceamento



1 - Máquina para Recauchutagem, da Mecânica Irmãos Bornia, de Sorocaba-SP.



2 - Balanceadora Eletrônica, da Hofmann do Brasil

Tyresoles Potiguar lhe oferece ainda:
*Pistolas automáticas para apertar parafusos
*Pneus Pirelli (seguros como a mão do papai)
*Rodas esportivas

TYRESOLES POTIGUAR

Clovis Costa Indústria e Comércio S/A
Rua Almino Afonso, 88/88
Fones: 2-2920 — 2-2884
Ribeira - Natal - RN

Amazônia) e ao Fiset (Fundo de Incentivos da Pesca, Reflorestamento e Turismo). O dinheiro não ficará em nome de nenhum declarante do Imposto de Renda, e dele só serão retirados 3%, taxa de administração da Sudene e do próprio BNB. O depositante receberá um Certificado de depósito e automaticamente se transformará em acionista do FINOR e não de determinada empresa. Com esse certificado, ele poderá, ao final do exercício financeiro, adquirir ações da empresa que desejar. Caso contrário, receberá os dividendos normais, decorrentes da média da rentabilidade de todas as empresas.

Para evitar corridas às empresas mais rentáveis, na ocasião da troca do Certificado por ações, o BNB promoverá leilões dessas ações.

— “Por tudo isto, se vê que a pretensão do Governo é transformar o FINOR num fundo realmente rentável, seguro, capaz de aparecer como uma excelente opção, para o investidor” — diz Antônio de Pádua. E lembra que, quando o seu mecanismo estiver funcionando completamente, poderá até concorrer com as Cadernetas de Poupança, na tentativa de alocar sempre mais recursos.

Tudo explicado e justificado, resta aos empresários a dúvida quanto aos processos de reavaliação. Uma empresa como a Potengi — Industrial Agro-Pecuária S. A., por exemplo, se hoje recebesse todo o dinheiro que não conseguiu captar anteriormente, não completaria metade do seu projeto — diz Antônio Ribeiro de Andrade. Um projeto de Cr\$ 10 milhões, em 1967, o da sua empresa só conseguiu captar — a duras penas e juros altíssimos — o equivalente a Cr\$ 4 milhões. Como ele, existem muitos outros no Rio Grande do Norte, agropecuários ou industriais, mesmo entre os mais aquinhoados com liberações. De empresas que, como fez a Potengi, chegaram até a ajudar a própria Sudene: na seca de 1970/71, Antônio Ribeiro de Andrade chegou a empregar 3.600 homens, no desmatamento de terras, para atender aos programas das frentes de trabalho postos em prática pela Sudene e pelo Governo do Estado. Uma colaboração que, não se sabe se valerá em termos de pontos, para a contagem final de inclusão nas prioridades. O

Tecnologia espacial pode ajudar o RN a crescer

O RN vai utilizar as informações do satélite ERTS para dimensionar suas riquezas minerais, reduzir as perdas da agricultura, localizar os lençóis d'água, planejar o desenvolvimento urbano. Tudo será feito através do Projeto RENA, em convênio com a UFRN, Governo e INPE.

O Rio Grande do Norte penetra firme na era tecnológica/espacial/eletrônica. Depois de ser sede de um campo de lançamentos de foguetes, de possuir serviços especializados de computação dos melhores do País e de possuir uma TV educativa, que transmite inclusive através de satélites, agora o Estado poderá ser um dos primeiros a utilizar os serviços do satélite ERTS, ou Projeto RENA (Recursos Naturais), que só está implantado, até agora, nos Estados Unidos, Canadá e Brasil.

O pioneirismo da adoção desse programa não está apenas no seu fato precípua, senão, e mais ainda, na gama de utilidades a que ele se presta. Como se trata de um satélite, fácil é se concluir que iremos ficar sendo vistos a uma alta distância, e da indiscrição do ERTS é que advirão os benefícios para o Estado, constituídos de um feixe de informações da mais alta importância para a elaboração e consecução de programas administrativos diversos.

Segundo o engenheiro eletrônico Adauto Motta, diretor em Natal do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, que funciona agregado à TV-Universitária, o programa ERTS (Satélite Tecnológico de Recursos Naturais) constitui um primeiro passo importante na fusão das tecnologias espaciais e de sensoriamento remoto, em um sistema de pesquisa e desenvolvimento para implantar e demonstrar técnicas eficientes de controle dos recursos terrestres.

O Satélite experimental ERTS-A foi lançado pela NASA a 23 de julho de 1972, devendo futuramente

ser lançado o ERTS-B. Cada um deles coletará imagens multiespectrais da superfície terrestre e transmitirá esses dados para estações terrestres de recepção, sendo levados, depois, para um centro de processamento para conversão em fotografias branco e preto, coloridas e em fitas de computador. Esse material será, então encaminhado a pesquisadores e agências usuárias.

Além disso, o satélite ERTS coleta dados ambientais através de plataformas remotas, distribuídas na superfície da terra, retransmitindo essas informações para o centro de processamento de dados.



Adauto Motta: "A administração racional dos recursos terrestres tem se constituído num dos maiores problemas desta geração".

O QUE TEREMOS

A utilização dos serviços do Projeto RENA pelo Rio Grande do Norte é uma extensão do convênio firmado entre o Governo do Estado, a Universidade Federal e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e a sua adoção na prática está na dependência de estudos a cargo da Secretaria de Estado de Planejamento. O secretário Marcos César Formiga é, inclusive, um entusiasta da utilização do novo método e o próprio governador Tarcísio Maia estaria interessado na implantação do projeto no RN.

A participação do Estado no programa ERTS e nos futuros programas de satélites de recursos naturais, tornará possível:

- desenvolver um mapa de uso das terras de todo o território do Estado.

- classificar, por áreas, as características geológicas e do solo.

- desenvolver um mapa agrícola para o Estado.

- desenvolver um mapa das reservas florestais.

- reduzir perdas na agricultura, através da identificação rápida de infestações de pragas.

- planejar a distribuição, para todo o Estado, da produção anual, através da estimativa das colheitas, por áreas.

- aumentar a produção, através de determinação das características do solo e controle das reservas de água.

- planejar melhor o desenvolvimento rural e urbano.

- identificar feições geológicas, tais como falhas, estruturas, dobras.

- monitorar fenômenos dinâmi-

cos, tais como sedimentação, mudanças litorâneas, erosão, crescimento das colheitas, nível das reservas de águas, etc.

— avaliar o desenvolvimento na abertura de grandes estradas, mesmo no tipo de uma Transamazônica.

— coletar dados de estações fixas em pontos remotos do território potiguar, tais como: nível das águas de lagoas, reservatórios e represas; umidade do solo, temperatura das superfícies, salinidades do oceano, correntes oceânicas, poluição atmosférica, direção e velocidade dos ventos, etc.

— fazer um inventário nas nascentes de águas.

— edificar, monitorar e avaliar a poluição da atmosfera e das águas.

— aumentar a produção da pesca através da localização das correntes marítimas frias, das águas biologicamente ricas e das condições de temperaturas ideais para a pesca.

— planejar melhor as viagens marítimas, através das condições de mar detetadas.

— detetar grandes desastres de navegação.

— fazer levantamento cartográfico de todo o território.

— fazer levantamento das coberturas das nuvens.

— promover informações com inferências demográficas, etc.

Diz, ainda, Adatao Motta que, caso o Rio Grande do Norte conclua favoravelmente sobre a sua participação no projeto, terá que processar fundos para cobrir as despesas com a equipe especial a ser formada, tanto para manipular os dados coletados pelo Satélite ERTS como pelo avião Bandeirante do INPE, equipado com os mais variados equipamentos eletrônicos, capaz de também realizar serviços de coleta de informes a uma boa altitude. Para fazer face às despesas, o governo do Estado necessitaria de pouco mais de Cr\$ 1 milhão, que poderia ser adquirido de vários fundos que operam justamente na área dos recursos naturais. Esse dinheiro seria aplicado no treinamento de uma equipe local, para interpretar o mapeamento do satélite e das imagens colhidas pelo avião Bandeirante, treinamento feito por técnicos vindos especialmente de São Paulo.

O satélite ERTS transporta um

imageador multiespectral, um conjunto de três câmeras de televisão, gravadores de banda larga e um sistema de coleta de dados que, quando terminam de operar, enviam as informações para a Estação de Rastreamento, Recepção e Gravação, localizada em Cuiabá. Existe, ainda, no Brasil, as Sessões de Processamento de Imagens e Fotografias do INPE, em Cachoeira Paulista (SP), que aceitam os dados de vídeo dos sensores, sob a forma de fita magnética, recebidos em tempo real na Estação de Cuiabá, via transporte aéreo. O avião, conduz material idêntico, de menores proporções.

COMO FUNCIONARÁ

A cobertura sistemática e repetitiva realizada pelo satélite ERTS é realizada visando-se a máxima versatilidade das imagens multiespectrais coletadas. O satélite funciona em uma órbita circular, síncrona com o sol, quase polar a uma altitude aproximada de 194 quilômetros. Ele dá uma volta em torno da terra em, aproximadamente, 103 minutos, completando 14 órbitas

Uma verificação nos objetivos do Projeto RENA bastaria para justificar a sua viabilidade e integrar o RN na área das pesquisas espaciais.

por dia. No fim de 18 dias ou da conclusão de 251 órbitas, o período de cobertura é completado. As órbitas foram selecionadas previamente e são corrigidas para que a mesma faixa terrestre imageada pelo satélite seja imageada novamente a cada período de 18 dias, com erro máximo de 37 quilômetros.

O Centro de Controle Operacional da NASA, nos Estados Unidos, constitui o cérebro de todas as atividades da missão ERTS, garantindo o controle da espaçonave e das operações orbitais dos sensores, exigidos para satisfazer a missão e os objetivos do voo. O Centro funciona 24 horas por dia e suas atividades são engrenadas com

o prazo das operações ditadas pela órbita de 103 minutos da espaçonave e pela capacidade de cobertura da rede de estações da NASA.

Os pesquisadores (no caso, o pessoal que ficará operando em Natal) podem escolher as informações mais apropriadas à sua área específica de investigação.

— “A administração racional dos recursos terrestres tem-se constituído num dos maiores problemas desta geração” — diz Adatao Motta”.

E acrescenta que, a exemplo de outros problemas, se está procurando utilizar a sofisticada tecnologia espacial, aliada à do sensoriamento remoto, com o objetivo de pesquisar e desenvolver sistemas de técnicas eficientes, que solucionem a questão. O programa ERTS é, portanto, o primeiro passo na fusão dessas técnicas e as pesquisas realizadas com as informações oferecidas por esse sistema estabelecerão os fundamentos de um novo campo do conhecimento humano. Em consequência, a participação do usuário do programa (no caso, o Rio Grande do Norte) se reveste da mais alta importância para o seu êxito, pois da experimentação e da análise das informações oferecidas, dependerá também o futuro operacional da utilização de satélites tecnológicos no sensoriamento dos recursos terrestres.

A utilização do sistema de coleta de dados através do satélite ERTS, ou Projeto RENA, será, portanto, da mais transcendental importância para o Estado. Uma verificação nos objetivos dessa missão, com a gama de informações que ela enviará à terra, para aproveitamento em benefício da programação administrativa, já bastaria para se concluir pela sua viabilidade absoluta.

Resta aguardar que os estudos ora realizados pela Secretaria de Estado de Planejamento cheguem

a bom termo, possibilitando que, também neste setor, o convênio já firmado pelo Governo estadual com aquele órgão e com a Universidade Federal inclua, também, mais essa extensão. Isso deixará que o RN fique definitivamente integrado na era das pesquisas espaciais. ○

Domingos Gomes de Lima

A UNIVERSIDADE NAS MÃOS DE UM TÉCNICO

Domingos Gomes de Lima, um macaibense de 35 anos de idade, ex-seminarista, bacharel em Direito, professor, homem estreitamente vinculado aos problemas técnico-administrativos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é o novo Reitor. Ele teve atuação destacada tanto na implantação da forma universitária quanto na construção do nosso Campus, apesar de ter sempre sido um homem de gabinete. O que se espera agora é que ele continue a luta dos que o antecederam, em favor de uma Universidade mais forte

A semente que o ex-Reitor Genário Fonseca disse ter plantado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o seu desejo — manifestado no discurso de despedida aos jornalistas natalenses — de que ela seja cultivada e dê bons frutos, certamente florescerá e, a se basear no currículo e na carreira do novo Reitor Domingos Gomes de Lima, se transformará numa árvore frondosa e frutífera.

Porque, se o Sr. Genário Fonseca conduziu a UFRN com a obstinação de um homem de formação militar, que teve de vencer duras batalhas para implantar a Reforma Universitária e construir o Campus, o Reitor Domingos Gomes tem também tanto obstinação como disciplina gerencial, com a diferença de uma formação exclusivamente técnica. Condições essas, portanto, essenciais — senão oportunas, no caso presente — para a continuação de uma obra não só no sentido puramente quantitativo como, e principalmente, no qualitativo — fator este, por sinal, suficientemente en-

fatizado na primeira declaração feita à imprensa, por coincidência justamente no dia em que Genário Fonseca dava sua última entrevista como Reitor.

Com Domingos Gomes de Lima a Universidade Federal do Rio Grande do Norte ganhou um tecnocrata atípico: tanto incursionou, didaticamente, pelas ciências Jurídicas e Sociais como no campo da administração. Se Genário conquistou com seu ímpeto a cidadela das reformas, Domingos, com a sua qualificação, está apto a administrar sem as preocupações absorventes do ato da conquista. Ou, segundo a imagem construída pelo ex-Reitor, poderá dedicar-se tranquilamente à tarefa de fazer a semente dar frutos.

O NOVO REITOR

Domingos Gomes de Lima, macaibense de 35 anos (nasceu a 5 de maio de 1940) é um homem que tem a sua trajetória profissional profundamente ligada ao Rio Grande do Norte. A sua instrução secundária foi no Seminário de São Pedro,

de Natal, de 1953 a 1958, e o Curso Científico no Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense, em 1960. Seu currículo indica que tem diploma expedido pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conferindo o título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1966. Fez Pós-Graduação, especializando-se em Administração Universitária no "Center for the Study Higher Education in Latin America of University of Houston" em 1969. E, entre cursos de extensão, atualização e aperfeiçoamento, tem os seguintes:

Administração Pública — Governo do Estado do Rio Grande do Norte em convênio com a Fundação Getúlio Vargas, em 1961, tendo se classificado em 1.º lugar; Administração de Programas de Habitação — Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, patrocinado pela Organização dos Estados Americanos, em Bogotá, Colômbia, 1963/1964; Iniciação em Problemas de Desenvolvimento Econômico — Promoção do Conselho Estadual de De-

envolvimento do Estado do Rio Grande do Norte, em convênio com a Faculdade de Ciências Econômicas e Banco do Nordeste do Brasil; Educação Técnica, no Centro de Educação Técnica do Estado da Guanabara, 1968; Aperfeiçoamento e Treinamento de Pessoal Administrativo das Universidades Brasileiras, promovido pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1968; Planejamento Universitário, promovido pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1970; Nova Organização Universitária, ministrado pelo professor Newton Sucupira, do Conselho Federal de Educação, 1970; Segurança Nacional e Desenvolvimento, ADESG, delegacia de Natal, 1971.

Além disso, o Reitor participou de Congressos, Encontros, seminários e viagens de estudos, a partir de 1967, sempre aprofundando os seus conhecimentos. Esses encontros e Seminários sempre ligados a problemas de administração universitária, não só em diversos Estados brasileiros, como no exterior — Estados Unidos e México. O último de que participou foi o I Seminário sobre Orçamento Público, promovido pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República, realizado com a colaboração do Estado de Minas Gerais, em Araxá. Funcionou como delegado do Ministério da Educação e Cultura.

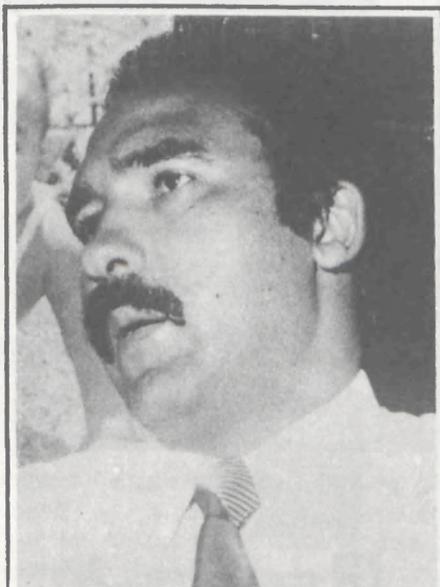
SEMPRE O ENSINO

O Reitor Domingos Gomes de Lima tem dedicado quase todos os seus anos de vida profissional aos estudos e à vida universitária. Entre 1967 e 1968 foi professor da disciplina Direito I, do Curso de Ciências Econômicas da UFRN. Integrou, por duas vezes, bancas examinadoras; foi professor adjunto da disciplina Ciência Política do Departamento de Estudos Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, a partir de março de 1968; coordenou pesquisas e foi membro da Comissão Examinadora do Concurso de Professor Adjunto da Escola Superior de Agricultura de Mossoró.

Além dos cursos e participação em seminários e viagens de estudos, Domingos Gomes de Lima, exerceu, desde 1966, intensa atividade nos

RN-ECONÔMICO

setores de planejamento e da administração universitária. Ocupou a chefia de gabinete do Reitor Onofre Lopes, a secretarias e coordenadorias diversas, até chegar a Pró-Reitoria, em 1971. Por seis vezes assessorou diretamente o então Reitor Genário Fonseca e participou ativamente da luta para a construção do Campus como Secretário-Executivo da Comissão de Planejamento e Execução do Projeto do Campus Universitário — Procampus. Ainda proferiu conferências e exerceu atividades administrativas na área do Governo Estadual, inclusive elaborando projetos habitacionais.



Domingos Gomes de Lima: "O estudante do Rio Grande do Norte está perfeitamente imbuído dos seus propósitos, que são o auto-aperfeiçoamento e a dedicação aos estudos"

PREOCUPAÇÃO COM A QUALIDADE

Assim, os caminhos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte foram suficientemente percorridos por Domingos Gomes de Lima a ponto de lhe proporcionar uma perfeita familiarização com todos os seus meandros, inclusive nos relacionados com a construção do Campus. Casado com Iaris Cortez Gomes de Lima e pai de três filhos — Gustavo, Felipe e Dominique — é um homem que apreendeu a disciplina e organização pessoal com os estudos. Na escolha de sua equipe, por exemplo, teve o cuidado de selecionar aqueles que se integram profissional e filosoficamente com a vida universitária e com as qualidades executivas, segundo afirmou. Ao ex-

plicar todos os critérios da escolha, salientou também o detalhe da preocupação em evitar personalismos e "auto-promoção", o que traduz a sua personalidade de técnico cuja realização está na eficiência.

E foi como técnico que acentuou bem o caráter de austeridade, como marca de sua administração e a necessidade de seguir à risca as diretrizes do Ministério da Educação e Cultura, principalmente no que se relaciona ao objetivo de formar mão-de-obra qualificada, de nível superior, através de cursos rápidos.

O novo Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte também entende que, na atual realidade do país, torna-se da maior necessidade a dinamização da pesquisa, tanto assim que uma de suas primeiras metas será a de manter estreito contato com o Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino Superior — o Premesur.

No primeiro contato com os jornalistas, dois dias antes de viajar a Brasília a fim de receber o cargo



Já foi criada a
BOLSA DE IMÓVEIS em
Natal, no estilo do
Rio e São Paulo.

Uma equipe de
corretores, engenheiros,
advogados, contadores,
está à disposição das
empresas, bancos e órgãos
do Governo para realizar
avaliações de prédios e
terrenos, pesquisas de
mercado, levantamentos
topográficos.

Guarde o endereço:

BOLSA DE IMÓVEIS

Av. Floriano Peixoto, 559
Sala 101 — Natal-RN

das mãos do Ministro Ney Braga, da Educação, Domingos Gomes de Lima procurou mostrar-se o menos formal possível. Fez questão de definir as suas metas básicas em poucas palavras e, apesar de sua tentativa de informalidade, não deixou de dar a impressão inversa, tanto que os entrevistadores se mostraram tímidos, ou mesmo porque o resumo pré-entrevista não deixou quase nenhum assunto a abordar.

O ESTUDANTE

Na quase inflexibilidade de sua formação técnica, o Reitor Domingos Gomes de Lima tem idéias precisas a respeito da participação do estudante na vida da Universidade.

— *Evidentemente* — diz — *o estudante tem direito a participação na vida política do país. Mas, para isso, existem os partidos políticos, para quem quiser se filiar.*

Como Genário Fonseca, ele vê o estudante do Rio Grande do Norte profundamente preocupado com o estudo e, embora considerando necessária a manutenção do Decreto 477, acha que esse dispositivo legal não será aplicado aqui.

— *E um instrumento de prevenção. O estudante do Rio Grande do Norte está perfeitamente imbuído dos seus propósitos, que é o do auto-aperfeiçoamento e da dedicação aos estudos.*

Quanto ao Campus, o novo Reitor considera importante a continuação do trabalho realizado por Genário Fonseca sendo que, agora, a tarefa de complementação da implantação sairá da alçada da Comissão do Campus, pois ficará a cargo da Prefeitura Universitária.

COMPROMISSO COM O FUTURO

Já declarou o novo Reitor que os objetivos maiores do seu trabalho serão voltados para o campo do ensino e da pesquisa, visando aperfeiçoar ainda mais os métodos didáticos, melhorar a qualidade do ensino e elevar a contribuição técnica e científica da Universidade ao desen-

volvimento do Estado. Ele que também foi um dos idealizadores e que ajudou a dar os primeiros passos para a construção do Campus, terá a satisfação de prosseguir em ritmo ainda mais intensivo as obras de sua complementação, contando com recursos do MEC cerca de três vezes superiores aos que até hoje foram ali aplicados.

Absolutamente desvinculado das facções políticas, conhecido pelo seu espírito pacificador, distanciado das

atitudes radicais, o Reitor Domingos Gomes de Lima reúne em torno de

si todas as lideranças universitárias num compromisso conjunto de trabalhar obstinadamente por um futuro melhor para a UFRN. Assim,

a semente plantada por Genário Fonseca germinará e a Universidade se

transformará numa árvore que cada dia dará mais frutos. Disso ninguém tem dúvida!



Ao mecanizar sua lavoura, não compre só meio trator.



CATERPILLAR

Caterpillar, Cat e D são marcas da Caterpillar Tractor Co.

Nossas máquinas constroem estradas perfeitas. Quem as faz seguras é você. Dirija com cuidado.

A moderna agricultura já chegou ao Brasil

O governo financia o plantio, garante a plantação e facilita a compra de máquinas e equipamentos

Mas você é quem garante o sucesso dos resultados

E, para isto, você precisa de máquinas para todos os tipos de trabalhos

De máquinas versáteis. Que desmatam, destocam, aram, subsolam, gradeiam, terraceiam, etc., mesmo sob a carga dos implementos mais pesados

Pois apenas com máquinas que possam trabalhar muito, é que você poderá ampliar seus campos de cultivo, construindo também, estradas, canais, açudes, barragens, enfim, todas as benfeitorias necessárias.

Para isso, os tratores D4D (76 CV) e D6C (142 CV), são fabricados no Brasil

Eles cumprem, realmente, tudo que prometem. Venha vê-los no Revendedor Caterpillar mais próximo de sua cidade.

E conheça as máquinas dos grandes sucessos.



marcosa s.a.

MÁQUINAS, REPRESENTAÇÕES, COMÉRCIO E INDÚSTRIA

NATAL - R. G. do Norte
Trav. das Donzelas, 311

J. PESSOA - Paraíba
BR - 101, n.º 235

FORTALEZA - Ceará
Rua Castro e Silva, 294/B

SERTEL recomenda :

ADMINISTRAÇÃO MODERNA PARA AS EMPRESAS TRADICIONAIS

A crença nos métodos modernos de administração e planejamento econômico dão à Usina Estivas a certeza de um desenvolvimento acelerado. Esta empresa confiou numa equipe de técnicos e os resultados já estão surgindo, antes mesmo do tempo previsto.

A crença de empresários tradicionais em métodos administrativos modernos é a chave para a garantia do desenvolvimento de indústrias que vêm desafiando com êxito as várias etapas do processo econômico/social do país. Exemplo típico dessa feliz união entre tradição e atualização permanente é a decisão da Usina Estivas S. A., de recorrer aos serviços da **SERTEL** — Sociedade de Serviços Técnicos e Econômicos S. C. Ltda., encomendando um Projeto de Modernização e Ampliação Industrial para implantação em cinco anos mas que, já no primeiro, possibilitou a operação de 280 mil toneladas de cana de açúcar na safra 74/75.

O ritmo da execução do plano quinquenal da Usina Estivas, elaborado pela **SERTEL**, permite prever que, já antes do prazo de aplicação, serão alcançados os resultados desejados e na safra 78/79 a empresa chegará as 600 mil toneladas de cana beneficiada, traduzindo-se em 950 mil sacos de açúcar e 21 mil toneladas de melaço.

— O que dá margem à previsão de se chegar às metas de produtividade antes da conclusão do quinquênio é o incremento de ano a ano, que vem sendo na base de 30% — afirma o economista **Leônidas de Moraes Medeiros**, um dos diretores da Sociedade de Serviços Técnicos e Econômicos.

O Projeto de Modernização e Ampliação Industrial da Usina Estivas vai absorver investimento global de Cr\$ 251 milhões (188 milhões no setor industrial e 63 no agrícola). Os recursos são oriundos do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), que financia 20% do total, e da própria empresa, que entra com a maior parte, 80%. No entanto, para a execução do plano, o IAA deu a sua aprovação prévia.

RITMO E OBJETIVOS

—A estratégia do Projeto— explica outro diretor da **SERTEL**, eco-



nomista **Paulo Pereira dos Santos** — se divide em inversões fixas e circulantes. As primeiras compreendem a aquisição de máquinas, equipamentos, construção de novos edifícios, tratores, etc. A circulante engloba matéria prima, material secundário e de embalagem.

Plano vem sendo executado desde 1973 e o seu ritmo prático dá margem a previsões otimistas.

— Tanto que os resultados previstos serão obtidos antes mesmo da conclusão do prazo de aplicação. — salienta Paulo.

Além dos resultados praticamente imediatos obtidos pela Usina Estivas com a execução do seu Projeto de Ampliação e Modernização Industrial, há o aspecto social, também visado pela equipe de técnicos da **SERTEL**.

— Assim — informa o terceiro sócio da empresa de planejamento economista **Pedro Batista de Lima** — a Usina Estivas possibilitará a criação de um mercado de trabalho para 1.500 pessoas, em termos de empregos diretos, enquanto mais cerca de dez mil também passarão a depender dela, em atividades indiretas (fornecedores, contingente agrícola, mão-de-obra). Considerando-se o número de dependentes, o número de beneficiados chega a 25 mil.

A atuação da Usina Estivas no aspecto social é extensiva a Goianinha, Arez, Baía Formosa, Canguaretama, São José de Mipibu, São Gonçalo e Nízia Floresta.

Essa expansão, segundo os diretores da **SERTEL**, contempla dois objetivos básicos: a) a exploração de novas áreas cultiváveis de cana de açúcar; b) abertura de novas oportunidades de emprego, permitindo ocupação de mão-de-obra e possibilitando a fixação do homem no meio rural.

O PROJETO

O Projeto de Modernização e Ampliação Industrial da Usina Estivas foi elaborado no aspecto técnico-financeiro-econômico pela **SERTEL**, enquanto o projeto arquitetônico e de construção civil é de responsabilidade da **HENCIL** — Hollanda Engenharia Comércio e Indústria Ltda.

A Sociedade de Serviços Técnicos S. C. Ltda., fundada por três jovens economistas em 1973, é responsável por importantes projetos e presta assistência técnica a várias empresas do Estado, em termos de assessoramento e consultoria econômica em geral. O escritório da **SERTEL** fica situado no Edifício Barão do Rio Branco, sala 317, Telefone 2-4853, em Natal.

VAI COMEÇAR NOVO BUSH DE CONSTRUÇÕES EM NATAL



Ao contrário de muitas capitais, Natal é uma cidade que acolheu bem a política do BNH. Os conjuntos residenciais financiados são rapidamente consumidos, o que dá margem a novos e arrojados empreendimentos no setor. INOCOOP e COHAB planejam a construção de dezenas de milhares de casa em Natal, nos próximos quatro anos.

Encontrar casa em Natal é difícil. Tão difícil que a capital potiguar é um caso raro no panorama de decepções que os programas habitacionais das COHABs proporcionam em diversas capitais, onde é grande o número de desistências e é comum o quadro de conjuntos residenciais abandonados por falta dos chamados promitentes compradores. Como não poderia deixar de ser, há a exceção do Jardim Tirol, na rua Alberto Maranhão, mas o motivo é diferente do quadro clássico: os compradores o abandonaram não por dificuldade de pagamento, mas por absoluta falta de condições para moradia, pois o material utilizado na construção foi de péssima qualidade.

De resto, há uma certa harmonia entre oferta e procura, no caso específico do programa de habitação popular e as 6.647 unidades re-

sidenciais construídas, até agora, pela Cohab-RN (4.700) e através do INOCOOP (1.947) foram absorvidas sem maiores problemas, apesar do fantasma da correção monetária.

E essa absorção foi tão satisfatória que os planos de novas edificações estão em andamento com números mais expressivos ainda. A Cohab, por exemplo, pretende construir mais 8.145 casas em Natal até 1979 (além de 1.055 no interior do Estado) e o INOCOOP tem programas contratados e em fase de conclusão num total de 2.240 unidades, sendo que pelo menos 1.000 (Conjunto Candelária) serão entregues em julho.

OS NÚMEROS

Curiosamente, numa cidade tão amiga — e necessitada — dos planos do Banco Nacional de Habita-

ção, não existe delegacia dessa instituição cuja sigla quase sempre provoca a associação de imagens de longas e autogeradoras prestações. Em Natal o programa habitacional do Governo, criado após a Revolução de 1964 com base nos recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), chega a baixa e média classe média através da Cohab-RN e do INOCOOP, além dos financiamentos através das Cadernetas de Poupança.

O Instituto Nacional de Orientação às Cooperativas (INOCOOP), supervisionou aplicações em projetos habitacionais num total de ... Cr\$ 60.962.660,15 enquanto outros estão em andamento. Seu método é o de criar uma cooperativa e procurar um banco que se responsabilize pelo projeto. Abre as inscrições até reunir um número suficiente de interessados para preen-

cher o teto estipulado. Antes, porém, cerca-se de certos cuidados, providenciando, por exemplo, pesquisas no sentido de verificar se o terreno escolhido para a construção do conjunto habitacional é de agrado do público.

Uma prova da aceitação dos programas habitacionais em Natal é que, enquanto em outras capitais os organismos repassadores dos recursos do FGTS procuram atrair o comprador com toda sorte de alquimia publicitária a fim de baralhar a realidade da correção monetária nas prestações, o INOCOOP começa a sofisticar os conjuntos, inclusive elevando, gradativamente, a área construída. Assim, o conjunto Potiguar tem área construída de 90 metros quadrados, em casas do tipo A, enquanto a menor área, por outro lado, é de 36 metros.

O grau de sofisticação, no entanto, acompanha, obviamente, o índice de preços e prestações. No Conjunto Neópolis, de conformidade com o tipo de residência, a prestação varia de 200 a 85 cruzeiros, compreendendo casas tipo A (três quartos, uma sala, copa e cozinha, muro e varanda) e a tipo E (um quarto, uma sala, banheiro e cozinha).

Já no Parque Residencial Ponta Negra, cuja concorrência será lançada ainda este ano e se localizará nas proximidades do terreno onde funcionou por sete anos a boate Hippie Drive-in, a poupança será de 5 mil cruzeiros para casa do tipo A. As prestações, contudo, ainda não foram estabelecidas.

Outro fator altamente indicativo da aceitação do programa habitacional oficial em Natal é a flexibilidade administrativa de um órgão como o INOCOOP que, aproveitando a relativa tranquilidade da penetração e aplicação dos seus planos, dá-se ao luxo de ter a sua diretora Maria Rosário Porpino também dedicando atenções a semelhante organismo na Paraíba. E mais: paralelamente à progressiva sofisticação dos novos conjuntos, cerca-se de inusitadas prerrogativas ecológicas ao aliar-se ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, através de sua delegacia local, no projeto de doar mudas de plantas para arborizar os conjuntos residenciais.

AS OUTRAS FONTES

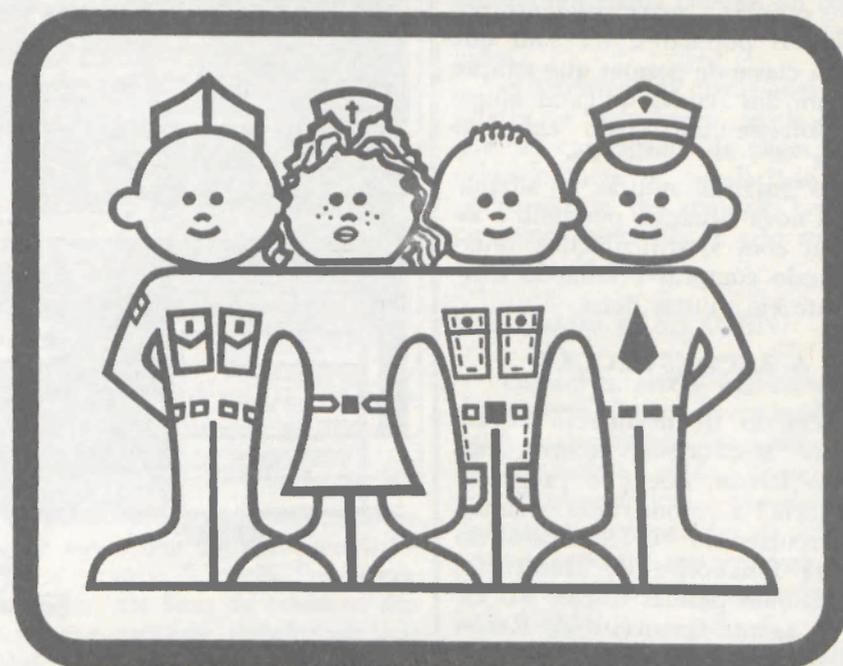
O Sistema Financeiro do BNH

RN-ECONÔMICO

distribui os recursos que capta do FGTS através, também, da Caixa Econômica, que funciona como agente para mutuários que têm uma faixa de renda acima de dez salários mínimos, segundo explica Elias Fernandes Neto, diretor técnico da Cohab-RN. As Cooperativas Habitacionais no estilo do INOCOOP e as Companhias Estaduais de Habitação atuam mais na faixa dos mutuários que estão na faixa de seis a dez salários mínimos ou de um a cinco.

A Cohab-RN atua na faixa menor e suas residências têm o preço médio inicial de 30 mil cruzeiros.

Evidentemente, no Rio Grande do Norte o mecanismo da correção monetária não deixa de provocar aquelas distorções que tornam o sonho da casa própria um pesadelo para as famílias de baixa renda. E, apesar da aparente normalidade no relacionamento entre mutuários e os organismos repassadores, ainda se verifica o chamado mercado paralelo, uma irregularidade com aspecto legal e que permite, em muitos casos, o surgimento de especuladores. A Cohab se cerca de todo cuidado com a finalidade de evitar essa prática, porém é quase impossível contorná-la. Trata-se de ele-



RUA GENERAL GLICÉRIO, 858 — Fone 2-0910 — RIVERA — NATAL — RN

mentos que vivem a tentar com ofertas de compra da chave a famílias que se vêm em dificuldades para continuar saldando as prestações. Atentos à situação nos conjuntos habitacionais mais pobres, esses especuladores fazem a oferta de uma determinada quantia pelas prestações já pagas e eventuais melhoramentos na residência. Adquirindo a chave, conseguem a transferência da casa para o seu nome ou, então, realizam sua operação triangular passando a residência a um terceiro, naturalmente com vantagem financeira na transação.

O rigor da Cohab quanto à documentação para a complementação das transações visa, justamente, evitar esse sistema de especulação, com a conseqüente criação de um mini-mercado imobiliário que se apoia nas dificuldades criadas pela correção monetária. A vigilância se volta, ainda, para aqueles que tentam comprar mais de uma casa, tentativa bastante frequente.

O programa habitacional do Governo multiplicando as fontes intermediárias para a aquisição de casa própria, principalmente nos conjuntos populares, fez com que aquela classe de pessoas que sempre viveram das rendas de casas alugadas sofresse um abalo em suas rendas.

No entanto, muitas se adaptaram à nova situação, passando a especular com as dificuldades, intermediando compras e atuando diretamente em muitas delas.

A RECONSTRUÇÃO

Além do financiamento à casa própria, o natalense recorre sempre ao Recon, que é o programa de reforma e reconstrução atuando com recursos do FGTS, através do Sistema Financeiro de Habitação, beneficiando pessoas físicas. No Estado, o agente financeiro do Recon é o Banco do Rio Grande do Norte.

Já o Fimaco é o agente que financia o capital de giro das empresas de construção.

Essas opções tornam o programa flexível.

— O relativo sucesso do programa habitacional em Natal — diz um agente financeiro — deve-se ao fato de uma certa folga nos terrenos. A cidade teve uma expansão imobiliária algo modesta e até certo ponto ordenada. Mesmo nos arredores de Natal, existe muito terreno agradável. Então, os conjun-

tos construídos sempre têm mais atrativos do que os de outras capitais, geralmente localizados em subúrbios bem distantes e quase inaccessíveis. Aqui, o clima é sempre agradável, as casas não são construídas em charcos.

O ALUGUEL

Paradoxalmente, essa disciplina natalense na busca à casa própria que resulta no cumprimento, ainda com sacrifícios, do ritual de pagamento das prestações, provoca uma deflagração no mercado de aluguel. Afirma-se, com frequência, que Natal é, talvez, a cidade pior, em termos proporcionais, para se alugar uma casa, entre as capitais brasileiras.

— O problema todo — diz a corretora Lourdes Lira Pinheiro, da Teixeira Corretora — é a teimosia dos locadores em não procurarem uma corretora. Essa atitude é para não pagar a comissão de praxe. Assim, muitas vezes existe a casa para ser alugada mas ninguém toma conhecimento.

Segundo Lourdes Pinheiro, o preço médio do aluguel de uma casa com conforto apenas relativo é de Cr\$ 2.500,00 em Natal, índice infinitamente superior ao de outras capitais.

Esse alto preço, ainda segundo a corretora, teria razão no fato de Natal ser uma cidade tipicamente classe média e onde uma parcela ponderável da população tem a sua casa própria. ○

**SEU ESCRITÓRIO
MERECE
MÓVEIS CIMO**

Atualize-se!
Ponha Móveis Cimo
em seu escritório!

A mais atualizada linha
de Móveis Cimo para escritórios
está ao seu dispor na CASA PORCINO
e com muitas vantagens!
Anote as condições de venda:

- à vista - excelentes descontos!
- Planos à sua escolha até
24 MESES e SEM ENTRADA!

CASA PORCINO
A LOJA SEM LIMITE.
Rua João Pessoa, 209/211 - Natal

EMPRESÁRIOS COMENTAM O NOVO SALÁRIO MÍNIMO

As opiniões do empresariado sobre o aumento do salário mínimo são divergentes, mas a maioria acha que o 43% representam um índice significativo. Na verdade, houve um considerável reajuste que atenderá dois objetivos imediatos do governo: aumentar o poder aquisitivo da classe assalariada e garantir a vasão dos bens de consumo durável que estavam encalhando nas fábricas.

Os cálculos na ponta do lápis são infalíveis e impiedosos: a porcentagem de 41,4% (a mais elevada que estafantes estudos permitiram conceder) de aumento do salário mínimo, decretada no dia 29 de abril passado pelo presidente Ernesto Geisel, no fim das contas representa apenas uma diferença de 1,4% sobre os percentuais que vinham sendo observados até então. Assim sendo, os 41,4% "não são lá essas coisas todas", como dizia um industrial natalense, embora um alto comerciante considere o aumento bastante alto, o suficiente para deixar algumas empresas locais em dificuldades, pelo menos inicialmente, para ter que equiparar todos os seus funcionários.

Na ponta do lápis, temos que os 41,4% já chegaram diminuídos do abono de 10% concedido pelo Governo Federal, a partir de dezembro do ano passado, o que quer dizer que eles representam apenas 31,4%. Descontada a inflação de maio de 1974 a maio de 1975 que, oficialmente, se sabe foi na base de 26%, o aumento fica em 15,4%. E se o do ano passado ficou na base dos 14% — isto quer dizer que a reconsideração salarial atual excedeu o percentual da anterior em apenas 1,4%.

Posta de lado a alquimia dos números e considerando-se a veracidade dos fatos, não resta dúvida, no entanto, que o Cr\$ 532,80 do maior salário mínimo nacional e os Cr\$ 376,80 do das áreas menores (entre as quais está incluído o Rio Grande do Norte) foi um considerável reajuste, que atingirá as duas metas pretendidas pelo Governo,



Reginaldo Teófilo: "A fixação dos atuais percentuais de aumento do salário mínimo era uma necessidade para que o assalariado recuperasse o poder de compra"

quando da adoção: a recuperação do poder aquisitivo da classe assalariada e a garantia de vasão dos manufaturados, dos bens de consumo durável que estavam encalhando nas fábricas, porque o poder de compra do povo estava diminuindo.

Para contrabalançar a adoção do alto percentual, o Governo também cuidou de aliviar alíquotas de IPI para diversos produtos, continuando a política que tomou no ano passado, quando fixou uma tabela progressiva de diminuição/aumento. Agora, na mesma ocasião em que anunciou os novos níveis do salário mínimo, tornou público também que artigos como móveis, televisores, aparelhos de ar refrigerado, enceradeiras, liquidificadores, geladeiras (eletro-do-

mésticos de modo geral) teriam redução de 50% de IPI. Ar refrigerado, por exemplo, que pagava alíquota de 24% — passa a pagar 12%. Como esses artigos, também as diversas variedades das mercadorias da indústria têxtil foram beneficiadas com reduções substanciais, o mesmo ocorrendo com os do couro. Apenas automóveis não foram atingidos.

A intensão foi clara: eleva-se o salário do trabalhador, se dá condições ao empregador de pagar e, recebendo mais, o assalariado terá oportunidade de adquirir bens de consumo durável, que não sofrerão aumento de preço.

Cr\$ 400,00 PARA O RN?

Os novos níveis salariais, evidentemente, foram determinados em meio a uma expectativa muito grande. Reginaldo Teófilo, comerciante de eletro-domésticos e presidente da Federação do Comércio do RN, era um que esperava um teto bem maior para o nosso Estado, ao redor dos Cr\$ 400,00.

— "Se ao invés de dividir o País em cinco regiões, para efeito da adoção dos novos níveis, o Governo o tivesse dividido em três ou quatro, o Rio Grande do Norte certamente teria sido melhor aquinhado" — diz ele. Mas em seguida reconhece:

— "A proposição e fixação dos atuais percentuais eram realmente uma necessidade, para que o assalariado recuperasse o poder de compra. Evidentemente, no entanto, chega numa hora em que o comércio atravessa dificuldades. Principalmente entre nós, a maioria das em-

presas são de pequeno e médio portes, e por isto de princípio haverá muitos impasses a superar”.

Reginaldo Teófilo acha, no entanto, que essas dificuldades em pouco tempo serão sanadas, e da sua opinião é Aderbal Costa, comerciante no ramo de móveis em geral para escritório e presidente do *Clube de Diretores Lojistas*:

— “Dentro do remanejamento dos custos, do reajuste, dos descontos, o empregador encontrará a fórmula para observar a Lei e pagar o que deve, ao empregado”.



Aderbal Costa: “Não haverá desemprego por causa do aumento do salário”

Aderbal Costa não acredita que haja desemprego, por conta do aumento de salário. A sua firma, por exemplo (duas lojas e planos de expansão) está atualmente até a necessitar de mais gente e a redução do IPI tanto vai lhe possibilitar coordenar os lucros como atender ao aumento e tratar de admitir mais pessoal necessário.

OPINIÃO TÉCNICA

Para o economista Jomar Alecrim, os novos níveis estão fixados em função da escalada inflacionária do último exercício. Atendem perfeitamente os objetivos da política econômica do Governo, que visa justamente cobrir as disparidades oriundas da inflação controlada porém não tanto dominada.

— “Foi sem dúvida um aumento significativo, sabiamente fixado para dotar o assalariado de um maior poder aquisitivo, compatível com as suas necessidades. Por outro lado, se observa que gradativamente vem o Governo tentando corrigir as distorções salariais ainda existentes entre as diferentes regiões do País”.

Ele diz acreditar que a definição dos novos níveis obedeceu a critérios econômicos compatíveis com as reais condições da economia brasileira, devendo os percentuais terem sido adotados em índices que não venham trazer reflexos negativos na política de contenção inflacionária.

Uma definição técnica, sem dúvida, esta do economista diretor da *Induplan — Consultoria Industrial e Planejamento*, para uma realidade que, manipulada em termos práticos por uma indústria como a *Confecções Guararapes S. A.* (2.600 empregados em Natal e 1.300 em

São Paulo, ainda em expansão) toma outra configuração:

— “O aumento foi muito alto, evidentemente” — diz Nilson Rocha, diretor administrativo da Guararapes. “Mas acredito que os estudos que o orientaram estão corretíssimos, daí só se tendo de aceitá-lo”.

Para as Confecções Guararapes, no entanto, não é o aumento de salário que vai implicar em porções



Nilson Rocha: “O aumento foi grande mas acredito que os estudos que o orientaram estão corretíssimos”

perigosas, nos custos da produção.

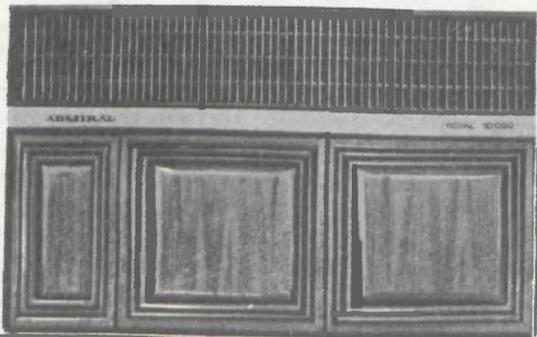
— “Haverá um certo reflexo, sem dúvida” — diz Rocha — “mas a mão de obra não é o fator decisivo dos nossos custos. É, sim, a matéria prima, que incide consideravelmente sobre nossos *lay-outs* de produção”.

E de resto, ocorre no Rio Grande do Norte o que ocorre em todo o País, nesse instante pós-adoção do novo mínimo: empregados e empregadores estão tranquilos e se dificuldades surgirem nos primeiros dias, elas serão contabilizadas ao próprio fato do aumento:

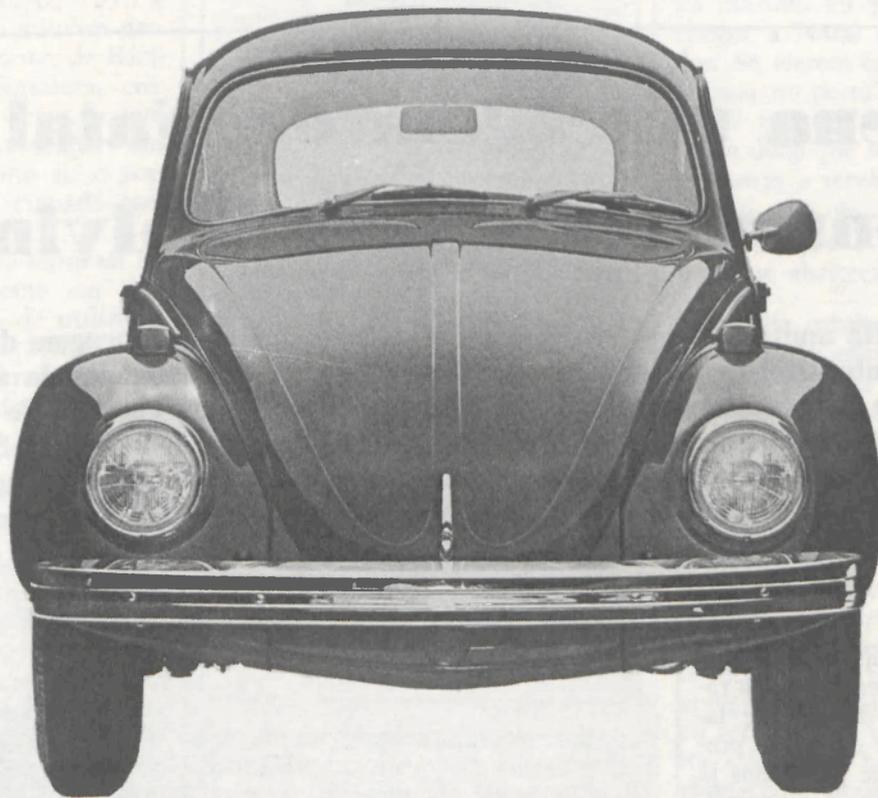
— “É sempre assim” — diz Reginaldo Teófilo — “Principalmente entre nós, onde o salário base é o mínimo. Dificuldades são normais. Sempre que é decretado um novo nível salarial, elas surgem. Porém o mais louvável, agora, é a transferência ao trabalhador de uma real possibilidade de poder comprar aquilo de que necessita”. ○

Springer Admiral

O MELHOR CONDICIONADOR DE AR FABRICADO NO BRASIL



ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE FÁBRICA
Avenida Duque de Caxias, 59/61
Telefones 2-4701 - 2-2697
Natal-Rio Grande do Norte



Simple de comprar.

É o carro de menor preço no mercado automobilístico e paga as menores taxas de licenciamento e seguro. No seu Revendedor Autorizado, você pode comprar o seu Fusca. À vista ou com um plano de financiamento que atenda às suas conveniências.

MARPAS S. A.
Av. Tavares de Lira, 159



Revendedor
Autorizado



Pequena tancagem de Natal pode ser entrave ao desenvolvimento

Há muitos anos se ouve falar que a capacidade de estocagem de combustível de Natal é muito pequena para as necessidades da área que esta capital atende. Basta um pequeno atraso na chegada de um petroleiro e a população passa a ficar ameaçada pela falta de gasolina. Agora, com a expansão industrial do Estado, ou se aumenta a tancagem de Natal ou haverá consequências negativas para a nossa economia.

Sempre que por um motivo ou outro ocorre um colapso no abastecimento de gasolina, em Natal, a razão mais razoável é deixada de lado, para se considerar um velho problema: o terminal que possuímos já é insuficiente para estocar a gasolina de nossas necessidades e mais o óleo que nossos carros e nossas fábricas queimam. E agora que o Estado caminha numa arrancada decisiva de industrialização, o problema se acentua mais ainda.

O problema da tancagem de combustível de Natal começa a ser complexo a partir do fato de se tratar de um assunto que envolve segurança, o que quer dizer que nem sempre as informações podem ser dadas, pelas pessoas a ele ligadas, com a mesma coerência ou fluência da questão. Mesmo assim, e porque não se poderia esconder a obra física surgindo do terreno, sabe-se que a Petrobrás está construindo um novo terminal, em Santos Reis, em terreno que pertenceu ao Ministério da Marinha. Quando concluído, o terminal será entregue à *Esso Brasileira de Petróleo S. A.*, que desde o tempo da II Guerra (1939/1940) opera o terminal atual, em regime de *pool*, ou seja: entrega gasolina aos seus próprios concorrentes na comercialização.

Os três ou quatro tanques que compõem o atual terminal de Natal, situados também em Santos Reis, na Praia da Montagem, foram construídos justamente ao tempo da II Guerra Mundial e de lá sempre saiu toda a gasolina, todo o óleo diesel e todo o querosene consumidos por Natal e pelos aviões milita-



res da ex-Base Aérea de Parnamirim, hoje CATRE de Eduardo Gomes. A instância da construção de um novo terminal, no entanto, não seria condicionada à necessidade de uma maior tancagem para a cidade, senão ao fato dos tanques atuais estarem completamente obsoletos, o que é plenamente justificável, depois de mais de trinta anos de uso.

Ao tempo da Guerra, a nossa tancagem, realmente, era bem maior e assim permaneceu até enquanto os tanques que havia no terreno do Ministério da Aeronáutica não apresentaram sintomas patentes de deterioração, sendo necessário o seu desmonte. Hoje, contamos apenas com a parte que fica no terreno pertencente à Marinha de Guerra, "funcionando precariamente", diz o *Almirante Tertius Rebello*, um homem sempre interessado nas coisas que dizem respeito aos transportes marítimos no Rio Grande do Norte.

Há cerca de dois ou três anos, ele próprio andou bem relacionado com o problema e lembra-se que, àquela época, a idéia era construir novos tanques para uma estocagem de .. 18.000 litros de gasolina.

Exibindo portarias do Conselho Nacional de Petróleo que o eximem da possibilidade de fazer declarações envolvendo a tancagem de gasolina de Natal — "uma medida que considero acertada e muito sábia, da parte do Governo Federal, pois se trata de assunto que envolve segurança nacional" — o sr. *Eider de Souza Leite*, gerente geral da *Esso Brasileira de Petróleo S. A.*, aquiesce, no entanto, em informar que o estoque da gasolina atual, feito nos tanques obsoletos mas ainda em uso, dá bem gara o consumo da cidade e do Estado durante 25/30 dias — tempo que separa a chegada entre um e outro petroleiro ao nosso porto, com novo suprimento.

Sobre a construção do novo terminal, ele sabe que começou mais ou menos em novembro de 1973 e deverá estar pronto em outubro deste ano. As firmas *Geoteste*, de Recife, e *Cibresme*, de Fortaleza, cuidam da construção, a segunda sendo responsável pela colocação dos tanques, do encanamento até o porto e de toda parte relacionada com metais.

— “Quando o novo terminal estiver pronto e totalmente em uso, certamente deixaremos de utilizar o atual” — diz *Eider de Souza Leite* — “o que poderá ocorrer no início de 1975. Por enquanto, mesmo logo após a conclusão da obra, utilizaremos os dois”.

Nas reticências do gerente geral da Esso em Natal, sente-se que de fato a construção do novo terminal foi apressada por conta das precárias condições físicas do atual — e nunca por causa de um aumento de tancagem. Embora se saiba que somente uma das novas fábricas que vão se instalar no Estado brevemente, a Alcanorte — Alcalis do Rio Grande do Norte S. A., vai consumir cerca de 100.000 toneladas/ano de um tipo de óleo especial, o *bunker-oil* ou óleo de caldeira, com o qual consegue as reações químicas que terminam na geração do álcalis — e esse óleo terá que ser conseguido em Fortaleza caso não tenhamos condições de estocá-lo.

— “A nossa capacidade de estocagem atualmente é deficitária, ou insuficiente, já em face da própria expansão das nossas indústrias e em



Eider de Souza Leite: “A tancagem de Natal é suficiente para suportar o abastecimento de gasolina durante 25 a 30 dias”

virtude da implantação de outras. Sem falar na Alcanorte, temos a fábrica de cimento de Mossoró e a própria Petrobrás, que está atuando no Estado, e que precisa de querosene para os seus helicópteros”.

Eider Leite, sem admitir mas sugerindo que a capacidade de estocagem atual seja dobrada, cita, no entanto, um problema de arrazoada consistência:

— “Tivéssemos uma tancagem duplicada e ficaríamos na mesma, com relação a estoque: um grande petroleiro não pode atracar no por-

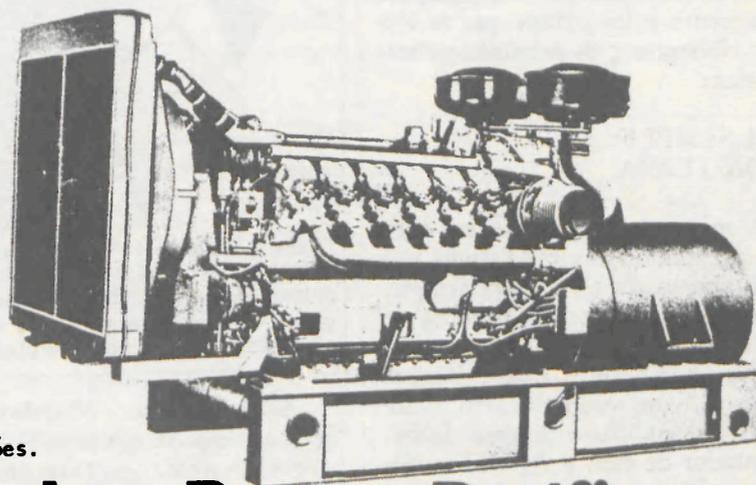
to de Natal, que só oferece condições para um navio com calado de no máximo 19 pés. Os navios para chegar a Natal têm que vir aliviados. Se vierem com carga total, não entram no porto”.

E é assim que ocorre e é por causa disto que sempre somos o último porto a receber gasolina, o que, nas épocas de racionamento, nos deixa sempre a dois passos do colapso no abastecimento.

Assim continuará até que o novo terminal esteja concluído, capacitado a guardar para períodos mais longos que não o tempo das escalas dos navios, a gasolina, o óleo e o querosene de que não podemos prescindir. Principalmente a gasolina que aciona os nossos carros nas ruas e que, talvez por causa das nossas limitações em matéria de tancagem, não podem conter os aditivos que as marcas de fábrica e a mente criadora das agências de publicidade tanto apregoam: realmente, vai ser difícil você colocar um tigre no seu carro, saído da bomba de um posto abastecedor desta cidade, e se você quiser misturar qualquer coisa à gasolina que vai envenenar o seu carro certamente vai adquiri-la sobresalente, até mesmo nos *displays* do seu posto: porque a Esso funciona em Natal em regime de *pool* e toda a gasolina que usamos é uma só. Ela chega no porto, é bombeada para os tanques e dali sai para os carros das várias companhias distribuidoras, sem tigres ou quaisquer outros aditivos! ○

O MESMO VIGOR DE HÁ VINTE ANOS!

O seu carro, mesmo de modelo antigo, pode ter um motor tão vigoroso e econômico quanto o de um carro novo. CYRO CAVALCANTI tem modernas retíficas e máquinas auxiliares para operar essa transformação em motores Diesel ou a gasolina. E aceita motores para reparo ou troca, pelas melhores condições.



Cyro Cavalcanti Auto-Peças e Retífica

Av. Duque de Caxias, 170 - Ribeira - Fones 2-2234 e 2-2072

Cyrauto Peças e Retífica

Rua Dr. Mario Negocio, 1504 - Alecrim - Fones 2-3963 e 2-4830

A necessidade da técnica e de mais ajuda do governo

A maior parte dos médios agropecuaristas do Estado não vive só da terra e da criação. Essa atividade econômica é insegura e desassistida.

Nas abordagens sobre a problemática da agricultura no Rio Grande do Norte, geralmente, há fartura de opiniões de técnicos mas é quase inexistente a participação exatamente dos mais interessados e para quem, teoricamente, toda política do setor é formulada: o criador/plantador.

Contudo, pela sua experiência, o criador/plantador tem idéias precisas sobre as suas necessidades embora, é certo, muitas dessas idéias vissem seus interesses pessoais e percam profundidade por se ressentirem da chamada visão global do problema.

No Governo Cortez Pereira a agricultura foi incluída entre as metas principais; no atual, não será feita modificação substancial nesse aspecto, mas haverá uma flexibilização na estratégia econômica geral. Não deixa de ser conveniente, no entanto, saber o que pensam alguns dos criadores/plantadores do Estado, principalmente porque são atingidos diretamente pelos planos que os técnicos elaboram e os administradores executam.

NEM SEMPRE SÓ DA TERRA

A maior parte dos médios agricultores/plantadores no Estado não vivem apenas da terra e da criação, a começar pelo próprio Secretário de Agricultura, Moacir Duarte, pecuarista nas horas antes vagas. Djalma Medeiros é um exemplo bem significativo dessa classe de duas faces: é plantador de caju e algodão no interior e Diretor-Comercial da Sorriedem Confecções, atividade, certamente, mais tranquila.

Sobre a agricultura no Rio Grande do Norte ele fala com certo desencanto:

Página 32

— O que entrava o aumento da produtividade da agricultura potiguar, aliada a outros fatores, é a falta de planificação e de pesquisa capaz de dotar o plantador (especialmente o médio e o pequeno) de uma nova mentalidade. Só isso o ajudará a libertar-se de preconceitos rudimentares, herança da agricultura praticada na época da colonização do Brasil e que ainda permanecem arraigados na agricultura do país.



Djalma Medeiros: "O que entrava o aumento da produtividade, aliada a outros fatores, é a falta de planificação e de pesquisa capaz de dotar o agricultor de uma nova mentalidade".

Acha Djalma Medeiros que, "com a pesquisa e a planificação — pontos de apoio — cabe ao Governo (Estadual e Federal) implantar uma política agressiva de mecanização da lavoura".

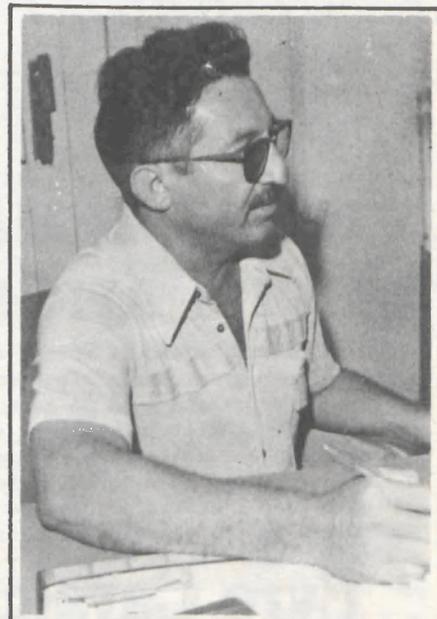
E declara:

— A experiência realizada no governo anterior (Cortez Pereira),

emprestando tratores e outros implementos, ao médio e pequeno plantador, teve validade e deveria ser continuada pelo novo Governo. Entretanto, aponto como fator decisivo para uma melhor produtividade: (não só no Rio Grande do Norte, mas em todo o país) mais incentivos, maior barateamento do custeio agrícola através do Proterra.

MILHO, FEIJÃO E IMÓVEIS

Já o plantador de algodão, milho e feijão, Francisco Ribeiro, fatura como corretor de imóveis em Natal, como suporte às suas atividades em suas propriedades de Poço Branco e Jardim do Seridó. Para ele, o maior problema da agricultura no Estado ainda é o tempo.

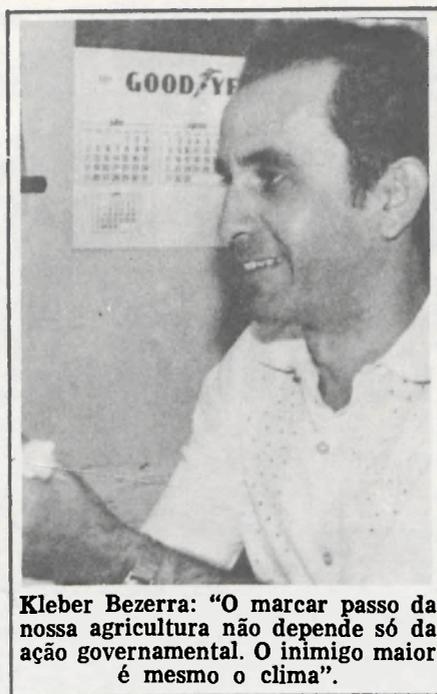


Francisco Ribeiro: "O governo deveria iniciar uma política de cobertura ao pequeno e médio plantador, caracterizada pela dispensa de juros".

— Vivemos em função do inverno. Se ele é bom, temos colheita em abundância; se não é, toda a plantação se perde. Independente do inverno, o Governo — federal e estadual — deveria iniciar uma política de “cobertura” ao pequeno e médio plantador, caracterizada pela dispensa de juros a aqueles que exercessem atividades agrárias ligadas a culturas de subsistência ou, então, cobrar o mínimo possível.

Mesmo sem ter recorrido ao plano de empréstimo ao agricultor posto em prática pelo Governo Cortez Pereira, Francisco Ribeiro acha que a experiência valeu e deve ser repetida pela administração Tarcísio Maia. Afirmo que agricultores vizinhos seus, com a utilização dos tratores emprestados, conseguiram aumentar em mais de 50% a produção, pois antes não dispunham de condições técnicas. Outro fator, para Francisco, que concorre para entrar o processo produtivo da agricultura no Rio Grande do Norte é o sistema de concessão de empréstimo ao homem do campo.

— O processo é demorado. Isso deixa o agricultor em situação em-



Kleber Bezerra: “O marcar passo da nossa agricultura não depende só da ação governamental. O inimigo maior é mesmo o clima”.

baraçosa. Muitos, quando têm o empréstimo liberado, já não tem condições para aplicá-lo, pois existe o tempo exato para a plantação. — diz.

Na opinião de Francisco Ribeiro os juros do Proterra são altos — 7% — e vão ficar mais altos ainda.

SÓ DO ALGODÃO

Para Kléber Bezerra, um plantador de algodão que tira o seu sustento exclusivamente dessa atividade, o inimigo maior é mesmo o tempo.

— O marcar passo da nossa agricultura não depende somente da ação governamental: as poucas chuvas, de baixa intensidade em nossa Região, prejudicam as plantações, independente da planificação ou da pesquisa. — afirma.

Na sua opinião, a produtividade e a rentabilidade da agricultura só podem melhorar com a pesquisa, a seleção de sementes, mais adubos e apoio técnico que possibilite uma modificação radical no panorama da agricultura potiguar.

— O apoio técnico — explica — englobaria desde a visita de um técnico que discutisse com o plantador à aplicação de adubos, o espaçamento utilizado no plantio, até a instrução de como servir-se dos implementos agrícolas comprados ou emprestados pelo governo. ○

CONJUNTOS SANITÁRIOS (últimos lançamentos) E MUITAS COISAS MAIS !

Uma firma eclética, que tem tudo em material de construção e algo mais de que você pode necessitar. Como Ferragens em Geral, Ferramentas Agrícolas, Gasolina, Querosene Diesel e Lubrificantes Texaco. Assim é GALVÃO MESQUITA FERRAGENS S. A.



GALVÃO MESQUITA FERRAGENS S/A

Matriz: Dr. Barata, 217/219

Câmara Cascudo, 210/216 (Galeria)

ESTÁ NA HORA DE PENSAR NAS ESTRADAS DO RN



O Rio Grande do Norte nunca foi bem aquinhoado pela política de transportes. E num Estado onde a dependência ao sistema rodoviário é de quase 100%, isto não é bom. Ainda não será agora que a coisa vai mudar, mas pelo menos o DNER e o DER possuem um bom número de obras a construir nesses próximos meses.

Um Estado que depende sempre das rodovias, para escoar a sua produção, mesmo de um município para outro, quando não é caso — mais frequente — de receber o que adquire fora, para a sua própria subsistência, o Rio Grande do Norte ainda hoje sofre pela falta de estradas suficientes para essas necessidades. Sempre fomos um Estado mal apadrinhado, no que se refere à política federal dos transportes e só recentemente, a partir de uma determinação interna do DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) instituindo a conservação permanente das rodovias federais espalhadas por todo o País, é que as nossas BRs estão tendo um tratamento contínuo de suas pistas de rolamento, seus acostamentos, suas obras d'arte.

HORA DE AGIR

Atualmente, mais do que nun-

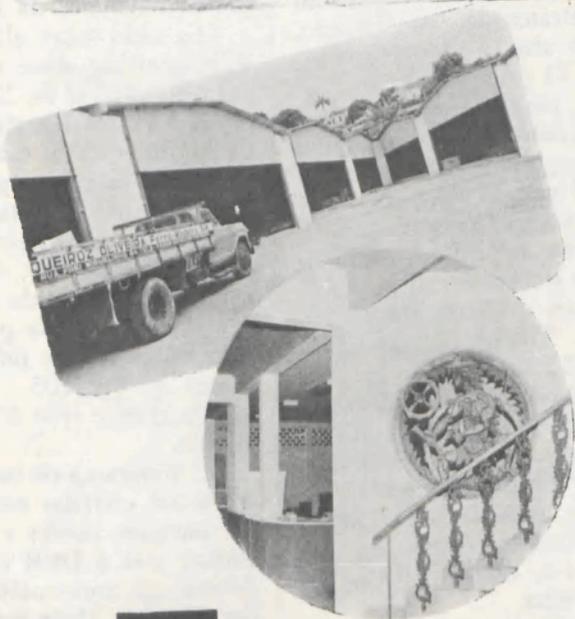
ca, a problemática das estradas afeta o Rio Grande do Norte, ou passa a interessar mais os setores a ela ligados diretamente: estamos às vésperas de ter em funcionamento a fábrica de barrilha, situada em Macau, e um dos serviços de infraestrutura que esse grande complexo industrial exige é justamente o referente a vias de escoamento da produção ou de acesso para as exigências de matérias primas necessárias ao seu desenvolvimento. A partir dessa premência, tanto o DNER quanto o DER (Departamento Estadual de Estradas de Rodagem) e a RFN (Rede Ferroviária do Nordeste), no setor das estradas de ferro, começam a se movimentar já agora, não fora de tempo, realmente, porém forçados por uma conjuntura intransferível.

Das estradas que estão programadas para execução a partir de agora, a BR-406 (Natal-Macau)

teve recomendação especial do Presidente da República ao Ministério dos Transportes, para que seja concluída no menor prazo possível — e esse interesse do Presidente Geisel pode ser medido no fato de ele próprio ter vindo a Natal, pela primeira e única vez, desde que assumiu a Presidência, para fundar a *Alcanorte — Alcalis do Rio Grande do Norte S. A.*, que vai produzir a nossa barrilha.

O interesse do Governo do Estado, por seu turno, não tem sido menor e o governador Tarcísio Maia, na sua última viagem ao Sul do país, para tratar de questões administrativas, fez, como ele próprio disse na entrevista coletiva que concedeu após regressar, “uma verdadeira peregrinação pelo Ministério dos Transportes e pelos setores a ele ligados”, visando justamente uma definição quanto a questões pendentes.

CONFIANÇA A QUEM CONSTRUÍ



Não é apenas um slogan. É uma maneira de ser.
Inspirar confiança no cliente é o nosso principal objetivo. Por isso
para servi-lo melhor, com mais segurança,
mudamos para uma nova loja. Mais ampla...
melhores condições de atendimento... estacionamento
próprio... Pensando em você, fizemos tudo
para que a antiga confiança seja sempre
redobrada. Esperamos sua visita.



**QUEIROZ OLIVEIRA,
FERRO-MADEIRA S.A.**

~ AV. RIO BRANCO, 185 - PABX: 22056 - RIBEIRA ~

tes, no setor da construção de estradas.

O DER, no entanto, está ainda elaborando um plano de ação que ofereça várias opções ao próprio governador Tarcísio Maia. Após ser submetido à apreciação do governador, o plano será posto em ação, a partir de uma de suas viabilidades mais práticas. Esta, a informação obtida junto à direção do órgão.

No entanto, a situação no DER, até o início do mês de abril, era periclitante: naquela época o órgão estava sem provimentos até para o pagamento do mês de março, ao seu funcionalismo.

Fugindo um pouco da temática das estradas, mas ficando num setor a ela diretamente ligado, temos o plano de reaparelhamento do Porto de Natal, ou construção de outro (idéia considerada mais viável) na outra margem do rio Potengi, sempre para atender à demanda do movimento de cargas, a partir do funcionamento da fábrica de barrilha, e para escoar a produção de cimento, também localizada na região Oeste, e que atualmente tem preferido o porto de Fortaleza.

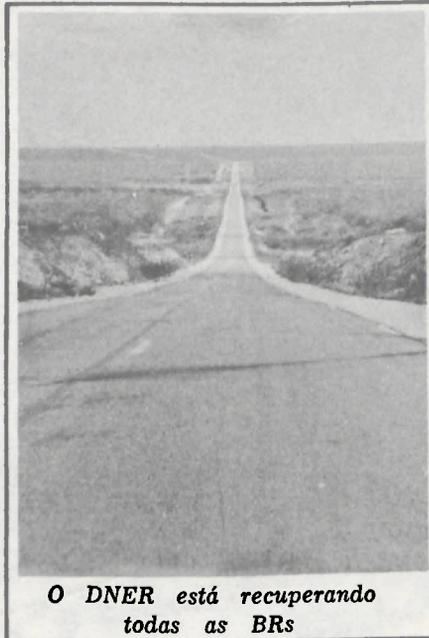
O QUE SE FAZ HOJE

Com o Departamento Estadual de Estradas de Rodagem em tempo de planificação e à espera de meios para agir, o setor de estradas no Rio Grande do Norte está praticamente resumido aos contratos de conservação, postos em prática pelo DNER. Afora isto, o próprio DER tem delegação do órgão federal para construção da BR-405 (Mossoró-Jucurí-Apodí-Pau dos Ferros — Divisa RN-PB) e aguarda a conclusão dos estudos de engenharia final para construir o trecho da BR-406, que liga João Câmara-Macau. A primeira estrada tem 212 quilômetros e a segunda 200. Sendo que esta última é uma estrada terrosa, já com pavimentação asfáltica até João Câmara e a licitação para a sua construção deve estar pronta até o início do próximo ano.

Junto a engenheiros do DNER, na ausência do chefe do 14.º Distrito do DNER, Janduí Leite da Silva, obtivemos informações quanto aos serviços que o órgão executa em nosso Estado, atualmente:

BR-101: Natal — Divisa com a Paraíba, com cento e um quilômetros de estradas sendo conservados, através de contrato com a firma INCA. A ponte sobre o rio Arará

é a obra d'arte mais importante do trecho e, danificada nas enchentes do ano passado, já está completamente recuperada. Diz o engenheiro Lauro Tomaz da Costa, chefe da Seção de Conservação Direta e Delegada, que esses serviços seguem tranquilos, constituindo uma derradeira etapa de um contrato firmado em 1971 com a firma atual, logo após a implantação do sistema de conservação permanente, adotado pelo DNER, visando deixar a rodovia com o aspecto que ela tinha quando foi originalmente entregue ao tráfego.



O DNER está recuperando todas as BRs

BR-304: Natal-Mossoró — Essa rodovia já totalmente asfaltada, tem três contratos de conservação, ao longo dos seus 298 quilômetros de extensão. O primeiro, com a firma ETUSA, para o trecho de 117 quilômetros, entre Eduardo Gomes e Lages. O segundo, com a firma Construtora Norte-Brasil, para os 94 quilômetros entre Lages e Açú. E o terceiro, com a firma A. Gaspar Ltda., para o trecho de 90 quilômetros, entre Açú e Divisa RN-CE.

BR-226: Trecho Tangará-Santa Cruz — 30 quilômetros de restauração do pavimento e desmatamento da faixa de domínio, contrato firmado e em execução com a EIT — Empresa Industrial Técnica. O restante dessa rodovia está tendo conservação direta, através da Residência R-14-3, do DNER, localizada em Macaíba.

BR-427: Trecho Jardim do Seridó-Caicó — Serviço de restauração e melhoramento em 25 quilômetros de estrada: recuperação da pavimentação e desmatamento da faixa

de domínio, para melhor visibilidade e por questões de segurança do trânsito.

BR-304: Entroncamento 304/226 — Riachuelo — 45 quilômetros de restauração.

BR-304 — Trecho Mossoró — Divisa RN-CE — 37 quilômetros de restauração e melhoramentos.

BR-110: Areia Branca-Mossoró-Upanema-Augusto Severo-Janduí-Divisa RN-CE — 160 quilômetros de estrada terrosa. Entre Areia Branca e Mossoró, ficará a ponte sobre o rio do Carmo, a ser construída ainda este ano, com 150 metros de vão. Toda a cobertura de conservação da rodovia é feita por administração direta, através da Residência R-14-1, sediada em Mossoró.

Ainda com referência ao DNER, brevemente estará em funcionamento a Residência de Currais Novos, considerada uma das ações mais importantes da administração do engenheiro Janduí Leite da Silva. Através dela, todas as estradas da região Seridó e adjacências passarão a ter conservação permanente.

Está também sendo projetada a construção da Ponte de Mossoró, com obras suplementares de pavimentação das partes adjacentes. O projeto está em visa de conclusão e as obras serão iniciadas em breve.

Afora essas estradas, há as duas que estão com obras delegadas ao DER, a BR-405 e a BR-406, sendo a última de transcendental importância para o escoamento da produção proveniente da região Oeste.

Falando sobre ela, o governador Tarcísio Maia disse que havia recebido do diretor do DNER, coronel Stanley Fortes Batista, a informação de que o projeto, ora em andamento, será recebido parceladamente, para que haja oportunidade de se começar a construção e pavimentação ainda este ano, devendo toda a obra estar concluída dentro de um ano e meio. Outra promessa do diretor do DNER se refere à pavimentação da BR-405, construída há alguns anos e que está para ser asfaltada.

O programa de construção e melhoria de estradas estaduais, estradas vicinais, pontes e passagens molhadas, esse o DER está traçando e deverá ser apresentado ao governador Tarcísio Maia dentro em breve.

O CASO DAS FERROVIAS

O setor das estradas de ferro também está em plena atividade,

em nosso Estado. Recentemente em Natal, embora hoje esteja como superintendente adjunto comercial do Sistema Regional Nordeste da RFN, o engenheiro Marco Aurélio Cavalcanti traçou para RN-ECONOMICO a ação da Rede, em nosso Estado, enfatizando que hoje mais do que nunca está havendo um interesse dirigido ao nosso setor. Principalmente por conta da próxima instalação da fábrica de barrilha, e mesmo com vistas ao transporte racional do sal, que, partindo de Macau, demanda em busca do centro-sul do país.

A Rede, por exemplo, está recuperando a superestrutura da linha entre Natal e Macau, com vistas ao aumento de transporte de sal/barrilha já em fins de 1977, com destino ao Porto de Natal. A produção da Alcanorte, por exemplo, será transportada na proporção de 180.000 toneladas de barrilha pesada, 20 mil de barrilha leve, além de 80.000 toneladas de combustível, este no sentido Natal-Macau. Outros investimentos em obras diversas estão programados, para fazer face à expansão da própria Alcanorte.

Os projetos de obras d'arte sobre os rios Araraí e Trairí estão em fase de conclusão e ainda no segundo semestre de 1975 deverá ser



Marco Aurélio Cavalcanti: "A Rede Ferroviária sabe da importância da linha Natal-Macau"

aberta concorrência para construção dessas importantes obras, diz Marco Aurélio Cavalcanti, constando dos projetos serviços complementares de levantamento de *grays* (para receber as obras d'arte) — tudo numa extensão de três quilômetros, em toda a Várzea do Trairí, entre os dois rios, já próximo a São José de Mipibu.

A linha Natal-Macau também está recebendo serviços de renova-

ção de empetroamento ou lastreamento do leito, com pedra britada. Essas obras atualmente já alcançaram o quilômetro 14, em Extremoz.

Entre Pedro Avelino e Macau, há outra frente de serviço da Rede Ferroviária do Nordeste, e mais uma entrará este mês em atividade, em Umari, no município de Taipu.

Nas obras que executa na linha Natal-Macau e na Várzea do Trairí, a RFN está aplicando recursos na base de Cr\$ 20 milhões diz o engenheiro Marco Aurélio, considerando ainda que para a segunda fase de escoamento da barrilha, será necessária a construção de um terminal de granéis, agregado ao Porto de Natal.

— "Não apenas para a barrilha" — diz ele — "mas para escoar também calcáreo".

Ponto de vista lógico, com o qual está coerente o próprio governador Tarcísio Maia:

— "Há toda uma iminente possibilidade de transportarmos o nosso calcáreo para a siderúrgica de Itaquí, através do porto de Natal" — diz o governador. E a ampliação de nossa capacidade de transporte marítimo só poderá se efetivar com o reaparelhamento do Porto de Natal ou com a construção de um novo porto".

Que há de errado na sua empresa ?

Sem pessoal capacitado v. terá, sempre, algo errado na sua empresa. O SENAC existe para solucionar esse problema, formando profissionais e encaminhando-os às empresas das diversas áreas de comércio e serviços. Procure, agora, no SENAC, o pessoal de que sua empresa necessita. Basta telefonar para 2-2233 - serviço de colocação.



SENAC

Serviço Nacional de
Aprendizagem Comercial
Rua São Tomé, 444 - NATAL-RN

ENFOQUES ECONÔMICOS



O FUTURO PARA O ALGODÃO

O algodão, uma das culturas de história mais irregular e mais sujeita às flutuações do mercado, é um dos poucos produtos primários que pode se aproveitar da crise mundial. A soja continua caindo de preço, o café também. Apenas o açúcar, entre os principais produtos de exportação do Brasil, continua com boas perspectivas, face a procura, pois nosso maior rival em produção, Cuba, destina quase toda sua produção à Rússia. Mas quanto o algodão, a cotação vem subindo na Bolsa de Chicago porque as fibras sintéticas, que já o derrotaram, tornaram-se caras demais. Mesmo com a retração de compras de matérias primas por parte dos países industrializados, o algodão passa a ser quase produto vital. Desse modo, de produto tradicionalmente aviltado, o algodão começa a ocupar uma posição cômoda. E as perspectivas são cada vez melhores, pelo menos a longo prazo.



NATAL É BOM MERCADO PARA O CINEMA

A maior prova de que Natal é um bom mercado para cinema é o fato de que na estréia do Cinema de Arte 2, às 22 horas, no Cinema Nordeste, houve até necessidade de uma certa dose de violência por parte da polícia para organizar a fila. E o filme não tinha o tal chamamento popular: era o "Assassinato de Trotsky", com Richard Burton. Já no Recife o esforço da empresa Severiano Ribeiro é tal para manter seus cinemas com público regular que colocou, em todos eles, aparelhos de TV nas salas de espera. O Veneza che-

gou ao ponto de trazer do sul do país uma equipe especial a fim de implantar o equipamento necessário para exibir o filme "Terremoto", como pede o figurino, em 70 milímetros e com todos os efeitos especiais.



QUEM PODE PAGAR O PREÇO DA ATUALIZAÇÃO?

A cultura está ficando cada vez mais cara no Brasil. O preço médio dos livros considerados padrões — traduções de obras mais conhecidas, com número de páginas oscilando em torno de 250 — chegou aos Cr\$ 50,00, com o ponteiro dos preços atingindo com bastante frequência a casa dos 60,00. Quem quiser se atualizar em psicologia, comportamento ou economia, terá de gastar esse dinheiro na aquisição de obras que nem sempre trazem textos completos, não raro sendo reedições — a maior fonte de lucro das editoras — ou, mesmo, reunião de conferências e artigos de autores famosos em seu setor. Não são exatamente livros didáticos, na tradução literal da expressão, mas que se fazem necessários mesmo para especialistas ou profissionais que, de uma maneira ou de outra, necessitam desses conhecimentos. Há cerca de quatro meses a média do preço desse tipo de livro — um texto atualizado de Melanie Klein, de F. B. Skinner, ou qualquer um dos que compreendem a série Ciências Sociais da Zahar — situava-se em torno dos Cr\$ 30,00. O salto foi, pois, espantoso. Ainda mais levando-se em consideração que os salários dos profissionais que gravitam em torno desse poço cultural não tiveram o aumento correspondente.



A TENDÊNCIA DAS EDITORAS. SERÁ A CERTA?

Se há um setor que não entrou no ritmo desenvolvimentista experimentado no país nos últimos dez anos foi o das editoras de livros. Os problemas parecem insuperáveis e vão do custo à falta de mercado para o livro. Nas entrevistas, os editores reclamam incentivos — que o Governo já está concedendo — e da mudança na mentalidade dos livreiros. Mas o entrave principal parece ser, mesmo, o das tiragens reduzidas. Daí que editoras, como a Record, adota a linha mais ou menos marrom, selecionando textos mais ou menos escabrosos, embora acerte, em raras coincidências, em alguns, em termos de qualidade, como foi o caso de Henry Miller. De outro lado, a Nova Fronteira, com a evidente inspiração de um dos seus diretores, Carlos Lacerda, procura faturar os temas políticos do momento, como foi, por exemplo, o caso do livro do general Antônio de Spínola e o "Culto à Inteligência", versando sobre os segredos da Cia. De certo modo, o livro está se dividindo em três setores básicos: o sensacionalismo erótico, documental-jornalístico (caso de Patrícia Hearst, revelações sobre CIA, Setembro Negro, Kissinger, etc.) e histórico. O último setor parece ser o mais florescente, com a abundância nas Livrarias de obras sobre Hitler, a Guerra Civil Espanhola. É, observe-se, um "histórico" imediatista, de fases algo aproximadas de nossa época, mas não conhecidas do homem médio e até da maior parte dos jovens. No Brasil, a figura de Getúlio Vargas, a Revolução de 31 de Março de 1964, a Revolução de 30, têm sido incluídos como temas quentes. O quarto setor — o realismo fantástico — esteve muito em moda, há dois anos, porém está cedendo terreno.

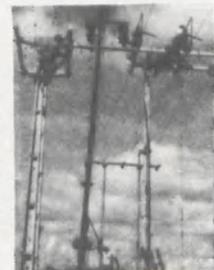
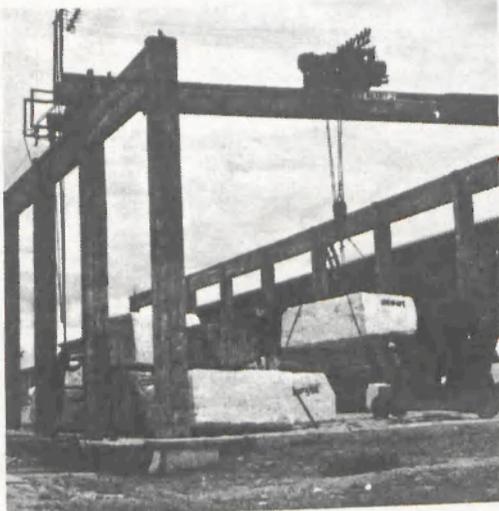
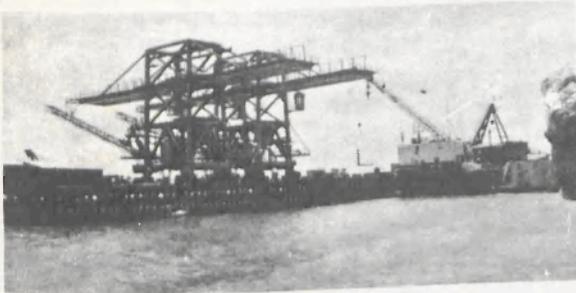


A PAUTA DOS PRODUTOS EXÓTICOS

Frequentemente o empresário deixa de prestar atenção para os boletins da Cacex. Se houvesse mais atenção, muito empresário empreendedor poderia obter informações a respeito de novos ramos a explorar. O da exportação dos chamados produtos exóticos, por exemplo. Os mercados europeus e norte-americano geralmente absorvem produtos como raspa de chifre de boi, crina de cavalo para a confecção de perucas, entre outros. O chefe do escritório da Cacex, com sede no Recife, é um homem obcecado com a exportação e foi devido aos seus esforços que a cachaça pernambucana começou a penetrar na Alemanha e nos países escandinavos. E se a cachaça nordestina ainda não é um produto de exportação em escala maior, deve-se às exigências dos países importadores para que os alambiques sejam realmente de barro. Já os homens de marketing acham que outro fator é a falta de sofisticação nas embalagens e é exatamente por isso que os negarrafamentos Pitu e Serra Grande, de Vitória de Santo Antão, estão procurando melhorar seus rótulos. Uma aguardente como a Caranguejo, por exemplo, teria grandes chances nos países escandinavos e Alemanha que preferem, conforme as informações chegadas a Cacex, bebidas de gosto forte. Outro mercado inexplorado, e também considerado pela Cacex altamente promissor, é das batidas de frutas tropicais. Há comprovadamente, o mercado. Falta o empreendedor.



**A realidade do
Rio Grande do Norte
nas páginas de
RN-ECONÔMICO!**



LEIA — ASSINE — COLECIONE



Tenha o jato mais veloz do mundo.

Aproximar as pessoas com maior rapidez.
Ajudar a obter as respostas imediatas.
Dar soluções distantes no menor tempo
possível.

Para estas facilidades e outras comodidades o
telefone é o jato mais veloz do mundo.
Cômodo. Necessário. Eficiente. Indispensável.
Reserve o seu no escritório da TELERN.
Seja um dos primeiros.
Tenha o jato mais veloz do mundo.

TERCEIRO
PLANO DE EXPANSÃO



TELERN

SUBSIDIARIA DA TELEBRAS

Duarte